

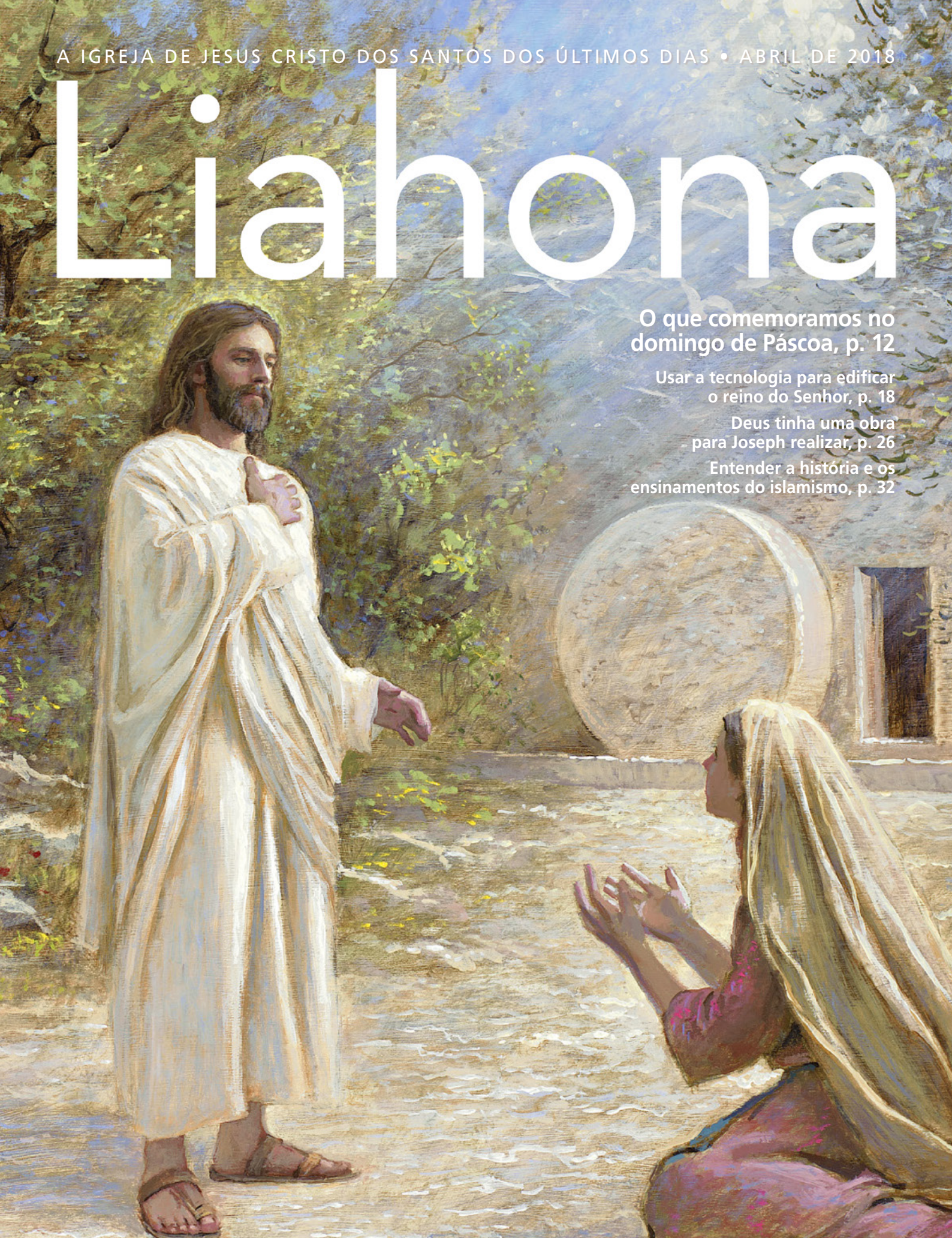
Liahona


O que comemoramos no domingo de Páscoa, p. 12

Usar a tecnologia para edificar o reino do Senhor, p. 18

Deus tinha uma obra para Joseph realizar, p. 26

Entender a história e os ensinamentos do islamismo, p. 32





SUA ADORAÇÃO NO
TEMPLO E SEU SERVIÇO
POR SEUS ANTEPASSADOS
(...) VÃO FORTALECER
SEU COMPROMISSO DE
PERMANECER NO CAMINHO
DO CONVÊNIO.

PRESIDENTE RUSSELL M. NELSON

Extraído da mensagem da Primeira Presidência, página 4



MENSAGENS

- 4 Mensagem da Primeira Presidência: Ao seguirmos adiante juntos**
Presidente Russell M. Nelson



NA CAPA
Ilustração: Jon McNaughton.

ARTIGOS

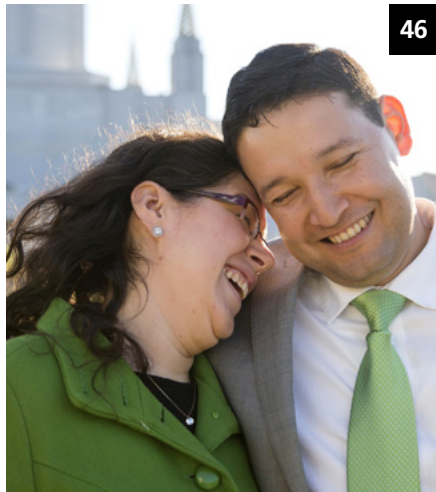
- 12 A jornada final e solitária do Salvador**
Chakell Wardleigh
Nesta época de Páscoa, pense em como os diversos aspectos do sacrifício expiatório do Salvador o afetam em sua jornada da vida.
- 18 Vamos compartilhar nosso conhecimento de um Salvador**
Élder Gary E. Stevenson
Com os recentes avanços da tecnologia, temos mais maneiras do que nunca de compartilhar nosso conhecimento de Jesus Cristo.
- 26 Santos: A história da Igreja — Capítulo 3: As placas de ouro**
Depois de receber a visita do anjo Morôni, Joseph Smith viu pela primeira vez as placas de ouro.

32 Entender o islamismo

Daniel C. Peterson
Uma breve história e os ensinamentos básicos da segunda maior religião do mundo.

SEÇÕES

- 8 Ao púlpito: Cestas e potes**
Chieko N. Okazaki
- 10 Clássicos do evangelho: Aquela bela manhã de domingo**
Élder Joseph B. Wirthlin
- 40 Vozes da Igreja**
- 44 Retratos de fé: Rakotomalala Alphonse**
- 80 Até voltarmos a nos encontrar: A realidade da Ressurreição**
Élder D. Todd Christofferson



46

46 Caminhos para a verdadeira felicidade

Élder Ulisses Soares

A verdadeira e duradoura felicidade só pode ser encontrada quando vivemos os princípios do evangelho de Jesus Cristo.

50 Casamento, dinheiro e fé

Sunday Chibuike Obasi

Minha noiva e eu pusemos nossa fé à prova quando não tínhamos dinheiro suficiente para os preparativos para nosso casamento.



Veja se consegue encontrar a liahona oculta nesta edição.

Dica: *Que lições você aprendeu com seus avós?*

52 Perguntas e respostas

O que posso fazer para readquirir minha fé? Por que Deus permite a guerra?

54 Oração: A chave do testemunho e da Restauração

Élder Robert D. Hales

A vida de Joseph Smith ensina o primeiro passo no desenvolvimento do testemunho: a oração.

58 O que, por que e como: Uma análise da Restauração

Faith Sutherland Blackhurst

Como as dispensações, a apostasia e a Restauração se encaixam entre si?

62 Conheça o Salvador

Sarah Hanson

Podemos sentir cada vez mais paz e propósito ao usarmos as escrituras para aprender sobre Jesus Cristo.



54



68

66 O que a Restauração significa para mim

Use esse jogo de combinar pares para aprender sobre os acontecimentos da história da Igreja que afetam sua vida hoje!

68 Os apóstolos prestam testemunho de Cristo

Élder David A. Bednar

69 Uma lição incrível

Élder Valeri V. Cordón

Quando confiamos no Senhor e pagamos o dízimo, Ele nos abençoa com aquilo de que precisamos.

70 A sapataria do abuelo

Ray Goldrup

O melhor momento para nos arrepender de uma escolha errada é agora.

72 Faça sua luz brilhar: Ouse ser bondoso!

Claudia conta como defende as pessoas e age com bondade para com elas.

74 Perdido e achado

Cael S.

Eu me perdi na floresta, mas sabia que podia orar, e Deus me ajudaria.

75 Nossa página

76 Histórias das escrituras: José é vendido para o Egito

Kim Webb Reid

79 Página para colorir: Jesus disse: "Vem, e segue-me"

Revista internacional em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência: Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, Henry B. Eyring

Quórum dos Doze Apóstolos: M. Russell Ballard, Jeffrey R. Holland, Dieter F. Uchtdorf, David A. Bednar, Quentin L. Cook, D. Todd Christofferson, Neil L. Andersen, Ronald A. Rasband, Gary E. Stevenson, Dale G. Renlund

Editor: Hugo E. Martinez

Editores assistentes: Randall K. Bennett, Carol F. McConkie
Consultores: Brian K. Ashton, Bonnie H. Cordon, LeGrand R. Curtis, Jr., Edward Dube, Sharon Eubank, Donald L. Hallstrom, Douglas D. Holmes, Erich W. Kopischke

Diretor administrativo: Richard I. Heaton
Diretor das revistas da Igreja: Allan R. Loyborg
Gerente de relações comerciais: Garff Cannon

Gerente editorial: Adam C. Olson

Gerente editorial assistente: Ryan Carr

Assistente de publicações: Francisca Olson

Equipe de composição e edição de textos: Maryssa Dennis, David Dickson, David A. Edwards, Matthew D. Flitton, Lori Fuller, Garrett H. Garff, LaRene Porter Gaunt, Jon Ryan Jensen, Charlotte Larcabal, Michael R. Morris, Eric B. Murdock, Sally Johnson Odekirk, Joshua J. Perkey, Jan Pinborough, Richard M. Romney, Mindy Selu, Marissa Widdison

Diretor administrativo de arte: J. Scott Knudsen

Diretor de arte: Tadd R. Peterson

Equipe de diagramação: Jeanette Andrews, Fay P. Andrus, Mandie Bentley, C. Kimball Bott, Thomas Child, David Green, Colleen Hinckley, Eric P. Johnsen, Susan Lofgren, Scott M. Mooy, Emily Chieko Remington, Mark W. Robison, Brad Teare, K. Nicole Walkenhorst

Coordenadora de propriedade intelectual:

Collette Nebeker Aune

Gerente de produção: Jane Ann Peters

Equipe de produção: Ira Glen Adair, Julie Burdett, Thomas G. Cronin, Bryan W. Gygi, Ginny J. Nilson, Derek Richardson

Pré-impressão: Joshua Dennis, Ammon Harris

Diretor de impressão: Steven T. Lewis

Diretor de distribuição: Troy R. Barker

Responsável pela tradução: Patricia Corrêa

Distribuição: Corporação do Bispado Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Steinmühlstrasse 16, 61352 Bad Homburg v.d.H., Alemanha.

Para assinatura ou mudança de endereço, entre em contato com o Serviço ao Consumidor. Ligação Gratuita: 00800 2950 2950. Telefone: +49 (0) 6172 4928 33/34. E-mail: orderseu@ldschurch.org. Online: store.lds.org. Preço da assinatura para um ano: € 4,60 para Portugal, € 1,85 para Açores e CVE 204 para Cabo Verde.

Para assinaturas e preços fora dos Estados Unidos e do Canadá, acesse o site store.LDS.org ou entre em contato com o Centro de Distribuição local ou o líder da ala ou do ramo.

Envie manuscritos e perguntas online para liahona.LDS.org; pelo correio, para: *Liahona*, Room 2420, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150-0024, USA; ou por e-mail, para: liahona@LDSchurch.org.

Liahona, termo do Livro de Mórmon que significa “bússola” ou “guia”, é publicada em albanês, alemão, armênio, bislama, búlgaro, cambojano, cebuano, chinês, chinês (simplificado), coreano, croata, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, filipino, finlandês, francês, grego, holandês, húngaro, indonésio, inglês, islandês, italiano, japonês, letão, lituano, malgaxe, marshallês, mongol, norueguês, polonês, português, quiribatí, romeno, russo, samoano, suaili, sueco, tagalo, tailandês, taitiano, tcheco, tonganês, ucraniano, urdu e vietnamita. (A periodicidade varia de um idioma para outro.)

© 2018 Intellectual Reserve, Inc. Todos os direitos reservados. Impresso nos Estados Unidos da América.

Informação de copyright: A menos que seja indicado o contrário, é permitido copiar o material da revista *Liahona* para uso pessoal, não comercial (inclusive para os chamados na Igreja). Essa permissão pode ser revogada a qualquer momento. O material visual não pode ser copiado caso haja restrições indicadas nos créditos constantes da obra. As perguntas sobre direitos autorais devem ser encaminhadas para Intellectual Property Office, 50 E. North Temple St., FL 13, Salt Lake City, UT 84150, USA; e-mail: cor-intellectualproperty@LDSchurch.org.

For Readers in the United States and Canada:

April 2018 Vol. 71 No. 4. LIAHONA (USPS 311-480) Portuguese (ISSN 1044-3347) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 E. North Temple St., Salt Lake City, UT 84150. USA subscription price is \$10.00 per year; Canada, \$12.00 plus applicable taxes. Periodicals Postage Paid at Salt Lake City, Utah. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; old and new addresses *must* be included. Send USA and Canadian subscriptions to Salt Lake Distribution Center at address below. Subscription help line: 1-800-537-5971. Credit card orders (Visa, MasterCard, American Express) may be taken by phone. (Canada Poste Information: Publication Agreement #40017431)

POSTMASTER: Send all UAA to CFS (see DMM 507.1.5.2). NONPOSTAL AND MILITARY FACILITIES: Send address changes to Distribution Services, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, UT 84126-0368, USA.

MAIS NA INTERNET



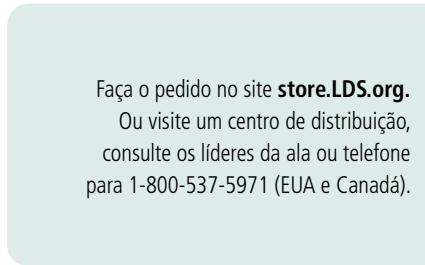
Leia os artigos e envie seu próprio artigo para liahona.LDS.org.



Encontre mensagens inspiradoras (disponíveis em inglês, português e espanhol) que podem ser compartilhadas em facebook.com/liahona.



Envie comentários para liahona@LDSchurch.org.



Faça o pedido no site store.LDS.org. Ou visite um centro de distribuição, consulte os líderes da ala ou telefone para 1-800-537-5971 (EUA e Canadá).

ICONS: GETTY IMAGES

TÓPICOS DESTA EDIÇÃO

Os números representam a primeira página de cada artigo.

Apostasia, 54, 58

Arrependimento, 70

Batismo, 75

Bondade, 72

Casamento, 50

Convênios, 4

Dízimo, 66, 69

Escrituras, 41, 52, 62, 76

Espírito Santo, 8, 42, 52,

66, 72

Exemplo, 72, 76

Expição, 10, 12, 80

Fé, 46, 50, 52, 68

Felicidade, 48

Guerras, 52

História da Igreja, 26,

54, 66

Honestidade, 70

Inspiração, 40, 42

Jesus Cristo, 4, 10, 12, 18,

62, 66, 68, 79, 80

Joseph Smith, 26, 54,

58, 66

Líderes da Igreja, 4

Livro de Mórmon, 26,

54, 66

Mídias sociais, 18

Morte, 10, 12, 26, 43, 80

Oração, 26, 52, 54, 74

Pai Celestial, 12, 46, 52,

66, 74, 80

Páscoa, 10, 12, 80

Religião, 32

Ressurreição, 10, 12, 80

Restauração, 26, 54, 58, 66

Sacrifício, 12, 44

Teologia, 18

Templos, 40, 75

Testemunho, 12, 62



Presidente
Russell M. Nelson



Ao seguirmos adiante juntos

Nota do editor: O presidente Russell M. Nelson, designado décimo sétimo presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no dia 14 de janeiro de 2018, falou no dia 16 de janeiro de 2018 durante uma transmissão ao vivo de um local anexo ao templo de Salt Lake. Foi solicitado por ele que suas palavras fossem publicadas nesta edição.

Queridos irmãos e irmãs, sinto-me honrado por estar com vocês nesta manhã. Há quatro dias, sepultamos um homem magnífico, um profeta de Deus, o presidente Thomas S. Monson. Não há palavras que possam fazer jus à magnitude e magnificência de sua vida. Sempre me lembrarei de nossa amizade com gratidão pelo que ele me ensinou. Agora devemos olhar para o futuro com fé perfeita em nosso Senhor Jesus Cristo, a quem esta Igreja pertence.

Há dois dias, todos os apóstolos vivos reuniram-se na sala superior do Templo de Salt Lake, onde tomaram decisões unânimes: a primeira foi de reorganizar a Primeira Presidência agora, e a segunda foi que estou servindo como presidente da Igreja. Palavras não são suficientes para dizer o que senti quando os apóstolos — autoridades gerais que portam as chaves do sacerdócio restaurado por intermédio do profeta Joseph Smith nesta dispensação — colocaram as mãos sobre minha cabeça para me ordenar e designar como presidente da Igreja. Foi uma experiência sagrada e que me fez sentir humilde.

Tornou-se então minha responsabilidade discernir quem o Senhor havia preparado para ser meus conselheiros.

Como eu poderia escolher apenas dois dos doze outros apóstolos, cada um dos quais amo tão profundamente? Sou imensamente grato ao Senhor por responder às minhas orações fervorosas. Sou muito grato pelo presidente Dallin Harris Oaks e o presidente Henry Bennion Eyring estarem dispostos a servir comigo como primeiro e segundo conselheiros, respectivamente. O presidente Dieter F. Uchtdorf retomou seu lugar no Quórum dos Doze Apóstolos. Ele já recebeu designações importantes para as quais é especialmente qualificado.

Presto tributo a ele e ao presidente Eyring pelo magnífico serviço prestado como conselheiros do presidente Monson. Eles foram totalmente capazes, dedicados e inspirados.

Descontinuada a mensagem mensal da Primeira Presidência

Esta será a última Mensagem da Primeira Presidência publicada mensalmente na revista. Futuramente, a Primeira Presidência vai compartilhar mensagens importantes conforme o necessário por meio de diversos canais, incluindo as revistas da Igreja e o site *LDS.org*.



Cada dia de serviço de um apóstolo é um dia de aprendizado e preparação para receber mais responsabilidades no futuro.

Somos muito gratos por eles. Cada um está disposto a servir agora onde são mais necessários.

Como o segundo apóstolo em senioridade, o presidente Oaks também se torna o presidente do Quórum dos Doze Apóstolos. No entanto, devido a seu chamado na Primeira Presidência e consistente com a ordem da Igreja, o presidente M. Russell Ballard, o próximo em senioridade, servirá como presidente interino do quórum. A Primeira Presidência trabalhará lado a lado com os Doze para discernir a vontade do Senhor e levar adiante Sua obra sagrada.

Somos gratos por suas orações. Elas são oferecidas em todo o mundo por nós. Na manhã após o falecimento do presidente Monson, uma oração como essa foi oferecida por um menino de 4 anos de idade chamado Benson. Vou citar trechos da carta de sua mãe, escrita para minha esposa, Wendy. Benson orou, dizendo: “Pai Celestial, obrigado pelo presidente Thomas S. Monson poder ver sua esposa novamente. Obrigado por nosso novo profeta. Ajude-o a ser valente e não ter medo por ser novo no chamado e ajude-o a ser forte e saudável. Uma boa alimentação

vai ajudá-lo a ser forte e saudável. Ajude-o a ter poder, porque ele tem o sacerdócio. E nos ajude a ser sempre bons”.

Agradeço a Deus pelas crianças como ele e pelos pais que levam a sério seu compromisso de serem pais retos e diligentes. A cada pai, professor e membro que carrega fardos pesados e ainda serve voluntariamente. Em outras palavras, a cada um de vocês, sinto-me humildemente grato.

O Senhor está ao leme

Ao seguirmos adiante juntos, eu os convido a pensar sobre o modo



Continue no caminho do convênio. Seu compromisso de seguir o Salvador, fazendo convênios com Ele e depois guardando esses convênios, vai abrir a porta de todos os privilégios e bênçãos espirituais disponíveis.

majestoso pelo qual o Senhor governa Sua Igreja. Quando um presidente da Igreja falece, não há mistério sobre quem será o próximo a servir naquele chamado. Não há eleições ou campanhas, mas somente manifestações serenas de um plano divino de sucessão — organizado pelo próprio Senhor.

Cada dia de serviço de um apóstolo é um dia de aprendizado e preparação para receber mais responsabilidades no futuro. É preciso décadas de serviço para um apóstolo sair da cadeira de júnior para a de sênior no círculo. Durante esse tempo, ele ganha experiências pessoais em cada aspecto do trabalho da Igreja. Ele também se torna bem familiarizado com os povos da Terra, inclusive suas histórias, culturas e idiomas, conforme as designações o levam várias vezes a todo o mundo. Esse processo de sucessão da liderança da Igreja é único. Não conheço nada

semelhante a isso. Isso não deve nos surpreender, porque esta é a Igreja do Senhor. Ele não trabalha segundo a maneira dos homens.

Servi no Quórum dos Doze sob a direção dos cinco últimos presidentes da Igreja. Vi cada um deles receber e responder à revelação. O Senhor sempre instruiu e sempre vai instruir e inspirar seus profetas. O Senhor está ao leme. Nós que fomos ordenados a prestar testemunho de Seu santo nome em todo o mundo continuaremos a procurar conhecer Sua vontade e segui-la.

Continue no caminho do convênio

Agora, a cada membro da Igreja, eu digo: continue no caminho do convênio. Seu compromisso de seguir o Salvador, fazendo convênios com Ele e depois guardando esses convênios, vai abrir a porta de todos os privilégios



e bênçãos espirituais disponíveis a mulheres, homens e crianças de todo o mundo.

Como nova presidência, queremos começar com o fim em mente. Por esse motivo, estamos falando a vocês hoje de dentro de um templo. O fim que cada um de nós almeja é ser investido com poder em uma casa do Senhor, selado como família, fiéis aos convênios feitos no templo — que nos qualificam para o maior dom de Deus, que é a vida eterna. As ordenanças do templo e os convênios que fazem ali são fundamentais para fortalecer sua vida, seu casamento e família e sua capacidade de resistir aos ataques do adversário. Sua adoração no templo e seu serviço por seus antepassados vão abençoá-lo com mais paz e revelação pessoal, e vão fortalecer seu compromisso de permanecer no caminho do convênio.

Agora, se você saiu do caminho, quero convidá-lo, com toda a esperança de meu coração, a por favor, voltar. Sejam quais forem suas preocupações ou seus desafios, há um lugar para você nesta Igreja, a Igreja do Senhor. Você e as gerações que ainda não nasceram serão abençoados por suas ações de voltar ao caminho do convênio. Nosso Pai Celestial valoriza Seus filhos e quer que cada um de nós retorne a Ele. Esse é o grande objetivo de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — ajudar cada um de nós a voltar ao lar.

Expresso meu profundo amor por vocês — amor que tem crescido ao longo de décadas conhecendo vocês, adorando com vocês e os servindo. Nosso mandamento divino é ir a toda nação, tribo, língua e povos, ajudando a preparar o mundo para a Segunda Vinda do Senhor. Isso faremos com fé no Senhor Jesus Cristo, sabendo que Ele está no comando. Esta é Sua obra e Sua Igreja. Nós somos Seus servos.

Declaro minha devoção a Deus, nosso Pai Eterno, e a Seu Filho, Jesus Cristo. Eu Os conheço, eu Os amo e me comprometo a servi-los — e a vocês — até o último momento de minha vida. No sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

CESTAS E POTES

Chieko N. Okazaki

Esta nova série destaca a vida de mulheres dedicadas e suas mensagens, extraídas do livro *Ao Púlpito: 185 Anos de Discursos Proferidos por Mulheres Santos dos Últimos Dias* (2017).

Deus nos deu muitos dons, muita diversidade e muitas diferenças, mas o essencial é o que sabemos a respeito uns dos outros — que somos todos Seus filhos.

Nosso desafio como membros da Igreja é aprendermos todos uns com os outros, amarmo-nos mutuamente e crescermos juntos.

As doutrinas do evangelho são imprescindíveis. Elas são essenciais, mas o tipo de embalagem é optativo. Vou lhes dar um exemplo simples para mostrar a diferença entre as doutrinas da Igreja e a embalagem cultural. Tenho aqui um pote de conserva de pêssegos, preparado por uma dona de casa de Utah para alimentar sua família durante o inverno. As donas de casa havaianas não fazem conservas de frutas. Elas colhem frutas suficientes para alguns dias e as guardam em cestas como esta. Nesta cesta temos uma manga, bananas, um abacaxi e um mamão (...) colhidos por uma dona de casa da Polinésia para alimentar sua família em um clima em que as frutas amadurecem o ano inteiro.

A cesta e o pote de conserva são recipientes diferentes, mas o conteúdo

é o mesmo: frutas para a família. O pote de conserva é certo e a cesta é errada? Não, ambos são certos. São recipientes apropriados para a cultura e as necessidades do povo. E são ambos adequados para seu conteúdo, isto é, as frutas.

Agora, o que seria a fruta? Paulo escreveu: “O fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão [e] temperança” (Gálatas 5:22). Na irmandade da Sociedade de Socorro, na fraternidade dos quórums do sacerdócio, na reverente reunião para participarmos do sacramento, o fruto do Espírito nos une em amor, alegria e paz, quer a Sociedade de Socorro seja de Taipé ou de Tonga, quer o quórum do sacerdócio seja de Montana ou do México, e quer a reunião sacramental seja em Fiji ou nas Filipinas.

(...) Quando fui chamada para a presidência geral da Sociedade de Socorro, o presidente [Gordon B.] Hinckley me aconselhou: “Você traz uma qualidade diferente para esta presidência. Será reconhecida como representante dos membros da Igreja fora dos Estados Unidos e do Canadá. (...) Eles a verão como representante



SOBRE A IRMÃ OKAZAKI

Chieko Nishimura Okazaki (1926–2011)

creceu no Havaí, EUA, em uma família budista de ascendência japonesa. Filiou-se à Igreja aos 15 anos de idade.

Nessa época, a irmã Okazaki tinha tomado ciência da complexidade de sua condição étnica e cultural. Preocupada com o que os outros pensariam deles depois que as forças armadas japonesas bombardearam Pearl Harbor, Havaí, a irmã Okazaki e sua mãe queimaram todas as lembranças japonesas que possuíam. Mas então, ela se olhou no espelho e pensou: “Nunca pus os pés no Japão. Não sou japonesa no meu coração. Mas não posso fugir de mim mesma. Meus olhos, minha pele e meu cabelo são japoneses”.¹

A irmã Okazaki enfrentou o racismo durante toda a vida. Começou a dar aulas pouco após a Segunda Guerra Mundial, quando o sentimento antijaponês ainda era muito forte nos Estados Unidos. Três mães se recusaram a permitir que seus filhos ficassem na classe dela. Mas a irmã Okazaki em pouco tempo os conquistou.²

A irmã Okazaki foi a primeira mulher a servir em todas as três juntas auxiliares femininas: primeiro nas Moças, depois na Primária e, por fim, na Sociedade de Socorro.³

Esta mensagem é um trecho de seu discurso proferido na Conferência Geral de Abril de 1996 sobre união e diversidade (pontuação e uso de maiúsculas padronizados).

da unidade que existe na Igreja”.
Deu-me, então, uma bênção para que
minha língua se desatasse ao falar
com as pessoas.⁴

(...) [Quando falei em outras
terras], vi que o Espírito levou
minhas palavras ao coração das
pessoas e senti “o fruto do Espírito”
trazendo-me de volta seu amor,
sua alegria e sua fé. Senti o Espírito
unindo-nos a todos.

Irmãos e irmãs, sejam suas frutas
pêssegos ou mamões, estejam elas
em cestas ou potes de conserva,
agradecemos por as oferecerem com
amor. Pai Celestial, que sejamos um
e que sejamos Teus,⁵ oro no sagrado
nome de nosso Salvador Jesus Cristo.
Amém. ■

NOTAS

1. Chieko N. Okazaki, *Lighten Up!* [Iluminem!], 1993, p. 7.
2. Ver Okazaki, *Lighten Up!*, pp. 48–50;

Gregory A. Prince, “There Is Always a Struggle”: An Interview with Chieko N. Okazaki” [Sempre há uma luta: Uma entrevista com Chieko N. Okazaki], *Dialogue: A Journal of Mormon Thought* [Diálogo: Um Jornal de Pensamento Mórmon], 45, nº 1, primavera de 2012, pp. 114–115.

3. “Obituary: Okazaki, Chieko” [Obituário: Okazaki Chieko], *Deseret News*, 7 de agosto de 2011.
4. Ver Prince, “There Is Always a Struggle” [Sempre Há uma Luta], p. 121. Gordon B. Hinckley era o primeiro conselheiro na Primeira Presidência quando a irmã Okazaki foi chamada em 1990.
5. Ver Doutrina e Convênios 38:27.





AQUELA BELA MANHÃ DE DOMINGO

Élder Joseph B. Wirthlin (1917–2008)

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Naquele dia, o Salvador rompeu os laços da morte. Ergueu-Se do sepulcro e apareceu gloriosamente triunfante como o Salvador de toda a humanidade.

Sabemos o que é a Ressurreição: é a reunião do espírito e do corpo em sua perfeita forma. (...)

Conseguem imaginar isso? As melhores condições de vida? Sem doença, sem dor, sem o fardo dos males que frequentemente nos acometem na mortalidade?

A Ressurreição está no cerne de nossas crenças cristãs. (...)

Quando o Salvador Se levantou do sepulcro, Ele fez (...) algo que ninguém mais poderia fazer. Ele rompeu as cadeias da morte, não apenas para Si mesmo, mas para todos os que já viveram, tanto justos quanto injustos. (...)

Ele pôs essa dádiva ao alcance de todos. E, com esse ato sublime, Ele abrandou a tristeza devastadora e arrasadora que abala a alma dos que perderam preciosos entes queridos.

Como deve ter sido sombria a sexta-feira na qual Cristo foi pregado na cruz. (...)

A Terra tremeu e o dia escureceu. (...)

Os homens que maldosamente planejaram Sua morte se regozijaram. (...)

Naquele dia, o véu do templo se rasgou em dois.

Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus, estavam cheias de dor e desespero. O homem sublime que elas tinham amado e honrado pendia da cruz, sem vida.

(...) Os apóstolos estavam arrasados. Jesus, seu Salvador — o homem que tinha andado sobre as águas e revivido os mortos —, Ele mesmo estava à mercê de homens iníquos. (...)

Foi uma sexta-feira cheia de tristeza devastadora e arrasadora. (...)

Creio que aquela sexta-feira foi o dia mais sombrio de todos, desde o princípio da história do mundo.

[Mas] o desespero não se prolongou porque no domingo o Senhor ressuscitado rompeu as cadeias da morte. Ergueu-Se do sepulcro e apareceu gloriosamente triunfante como o Salvador de toda a humanidade.

Então, em um instante, os olhos que estavam marejados de lágrimas ficaram enxutos. Os lábios que tinham sussurrado orações de aflição e dor encheram o ar de maravilhoso louvor, porque Jesus Cristo, o Filho do Deus vivo, estava diante deles como (...) a prova de que a morte era apenas o início de uma nova e maravilhosa existência.

Todos temos as nossas próprias sextas-feiras — aqueles dias em que o próprio universo parece se esfacular



mártires, tendo nos lábios o testemunho do Cristo Ressuscitado ao perecer.

A Ressurreição transformou a vida dos que a testemunharam. Acaso não deveria transformar a nossa também?

Todos nos ergueremos do sepulcro. (...)

Graças à vida e ao sacrifício eterno do Salvador do mundo, seremos reunidos a nossos entes queridos.

(...) Naquele dia, teremos grande regozijo pelo fato de o Messias ter vencido todas as coisas para que pudéssemos viver para sempre.

Devido às sagradas ordenanças que recebemos nos templos sagrados, nossa partida desta breve existência mortal não separa por muito tempo os relacionamentos estreitados por cordões tecidos de laços eternos.

É meu solene testemunho que a morte não é o fim da existência. (...)

Que compreendamos as inestimáveis dádivas que recebemos como filhos e filhas de um Pai Celestial amoroso e a promessa daquele dia radiante em que todos nos ergueremos triunfantes do sepulcro, e que tenhamos gratidão por elas.

(...) Por mais sombria que seja a nossa sexta-feira, o domingo virá. ■

Adaptado de um discurso proferido na Conferência Geral de Outubro de 2006.

e vemos as ruínas de nosso mundo espalhadas a nossos pés. (...)

Mas testifico a vocês, em nome Daquele que conquistou a morte, que o domingo virá. Em meio às trevas de nosso sofrimento, o domingo virá.

(...) Seja qual for a nossa dor, o domingo virá. Nesta vida ou na próxima, o domingo virá.

Testifico-lhes que a Ressurreição não é uma fábula. Temos o

testemunho pessoal daqueles que O viram. Milhares de pessoas do Velho e do Novo Mundo foram testemunhas do Salvador ressuscitado. Tocaram-Lhe as mãos, os pés e o lado. (...)

Depois da Ressurreição, os discípulos se sentiram revigorados. Viajaram pelo mundo inteiro (...) proclamando corajosamente Jesus, o Cristo, o Filho Ressuscitado do Deus vivo.

Muitos deles (...) morreram como

A jornada final e solitária do Salvador

Chakell Wardleigh

Revistas da Igreja

Ao longo de Sua vida mortal, o Salvador fez muitas jornadas — Sua jornada de Belém para o Egito, quando bebê, Sua jornada de 40 dias no deserto, Suas muitas jornadas para cidades, vilas e lares para ensinar, curar e abençoar durante Seu ministério, e muitas outras. Mas há uma jornada que o Salvador teve de enfrentar sozinho, e era uma jornada que somente Ele poderia suportar.



Simon Dewey

“No Domingo de Páscoa, comemoramos o evento mais aguardado e mais glorioso da história do mundo. É o dia em que tudo mudou. Naquele dia, minha vida mudou. Sua vida mudou. O destino de todos os filhos de Deus mudou.”

Presidente Dieter F. Uchtdorf, segundo conselheiro na Primeira Presidência, “O dom da graça”, *A Liahona*, maio de 2015, p. 107.



Sofrimento incomparável

Um mero mortal não consegue conceber a plena importância do que Cristo fez por nós no Getsêmani.

Sabemos que Ele suou grandes gotas de sangue de cada poro ao beber até a última gota do cálice amargo que o Pai Lhe dera.

Sabemos que Ele sofreu, tanto física quanto espiritualmente, mais do que é possível a um homem sofrer, sem que morra.

Sabemos que, de alguma forma incompreensível para nós, Seu sofrimento satisfez as exigências da justiça, resgatou das dores e penas do pecado as almas penitentes e pôs a misericórdia ao alcance de todos os que creem em Seu santo nome.

Sabemos que Ele ficou prostrado por terra enquanto as dores e agonias de um fardo infinito O faziam tremer e que Ele desejou não ter que tomar da taça amarga.”

Élder Bruce R. McConkie (1915–1985), do Quórum dos Doze Apóstolos, “O poder purificador do Getsêmani”, *A Liahona*, julho de 1985, pp. 9–10.

Aplicação pessoal: Embora nem sempre compreendamos isso, o Salvador sofreu todas as formas de dor durante a Expição. Ele entende toda dor física, desde um osso quebrado até a enfermidade crônica mais grave. Ele sentiu a escuridão e o desespero de doenças mentais como a depressão, a ansiedade, a dependência, a solidão e a tristeza. Sentiu toda ferida espiritual porque tomou sobre Si todos os pecados da humanidade.

O élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou: “Num momento de fraqueza, podemos exclamar: ‘Ninguém sabe o que estou passando. Ninguém entende’. Mas o Filho de Deus sabe e entende perfeitamente, porque Ele sentiu e suportou os fardos de cada um de nós” (“Carregar seus fardos com facilidade”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 90).



Ele foi o único que era capaz

“**O** que Ele fez somente um Deus poderia ter realizado. Como Filho Unigênito do Pai na carne, Jesus herdou atributos divinos. Ele era a única pessoa nascida na mortalidade capaz de realizar esse ato extremamente importante e sublime. Como o único Homem sem pecado que já viveu na Terra, não estava sujeito à morte espiritual. Mas, por causa de Sua divindade, Ele também tinha poder sobre a morte física. Assim, fez por nós o que não poderíamos fazer por nós mesmos. Rompeu as frias correntes da morte. Também possibilitou que tivéssemos o sereno e sublime consolo do dom do Espírito Santo.”

Presidente James E. Faust (1920–2007), segundo conselheiro na Primeira Presidência, “A Expição: Nossa maior esperança”, *A Liahona*, janeiro de 2002, p. 20.

Aplicação pessoal: Por meio de Sua Expição, o Salvador rompeu as cadeias da morte e redimi todos nós de nossos pecados para que toda e qualquer pessoa possa ter vida eterna. Ele era o único capaz de realizar uma tarefa tão intimidadora e impossível. Quando nos depararmos com graves dificuldades, podemos nos consolar sabendo que o Salvador pode realmente tornar o impossível possível.

Ele não desistiu

Num monte chamado Calvário, sob o olhar dos indefesos seguidores, Seu corpo ferido foi pregado à cruz. Zombaram Dele, foi amaldiçoado e desprezado sem piedade. (...)

Passaram-se horas agonizantes enquanto Sua vida se esvaía. De Seus lábios ressequidos, ouviram-se as palavras: 'Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E havendo dito isto, expirou'. (...)

No último momento, o Mestre poderia ter desistido. Mas não o fez. Ele desceu abaixo de todas as coisas para que pudesse salvar todas as coisas. Seu corpo inerte foi rápida, porém gentilmente colocado em um sepulcro emprestado.”

Presidente Thomas S. Monson (1927–2018), “Ele ressuscitou!”, *A Liahona*, maio de 2010, pp. 88–89.

Aplicação pessoal: Ele sofreu dor excruciante, solidão e desespero, mas ainda assim o Salvador perseverou e concluiu Sua jornada mortal com graça — até pedindo a Seu Pai que perdoasse àqueles que O crucificaram. Graças a Seu exemplo perfeito, podemos encarar nossas próprias provações e dificuldades com graça, e com Sua ajuda, podemos também perseverar até o fim.





As muitas testemunhas de Sua Ressurreição

“Creio nas muitas testemunhas da Ressurreição do Salvador, cujas experiências pessoais e testemunho se encontram no Novo Testamento: Pedro e seus companheiros dos doze e a querida e pura Maria Madalena, entre outros. Creio nos testemunhos encontrados no Livro de Mórmon — de Néfi, o apóstolo, com a multidão sem nome, na terra de Abundância, entre outros. E creio no testemunho de Joseph Smith e de Sidney Rigdon que, após muitos outros testemunhos, proclamaram o maior testemunho desta última dispensação: ‘Que ele vive! Porque o vimos’. Sob a vista de Seus olhos que tudo veem, ergo-me como testemunha de que Jesus de Nazaré é o Redentor ressuscitado, e presto testemunho de todas as coisas que decorrem do *fato* de Sua Ressurreição. Que vocês recebam a convicção e o consolo desse mesmo testemunho.”

Élder D. Todd Christofferson, do Quórum dos Doze Apóstolos, “A Ressurreição de Jesus Cristo”, *A Liahona*, maio de 2014, p. 114.

Aplicação pessoal: Embora não tenhamos estado entre os que viram o corpo ressuscitado e perfeito do Redentor, ainda assim podemos ser testemunhas Dele hoje em dia. Ele sempre pode ser o foco de nossa vida a despeito da ocasião ou do local em que estejamos. Toda vez que oferecemos o coração e as mãos a serviço do próximo, mostramos bondade, gentileza e respeito a todos, defendemos a verdade e compartilhamos nosso testemunho do evangelho, somos verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo.

Não precisamos caminhar sozinhos

“Um dos grandes consolos desta época de Páscoa é que, por ter Jesus trilhado esse caminho tão longo e solitário completamente sozinho, *nós* não temos que fazê-lo. Sua jornada solitária proporcionou-nos uma grande companhia para nossa curta versão da trilha: o misericordioso carinho de nosso Pai Celestial, a fiel companhia de Seu Amado Filho, o consumado dom do Espírito Santo, anjos do céu, familiares nos dois lados do véu, profetas e apóstolos, professores, líderes e amigos. Todos esses e outros nos foram dados por companhia durante nossa jornada mortal graças à Expição de Jesus Cristo e à Restauração do Seu evangelho. Proclamada do cume do Calvário, soa a verdade que afirma que nunca estaremos sós ou desassistidos, mesmo que às vezes nos sintamos assim. (...)”

Que estejamos ao lado de Jesus Cristo ‘em todos os momentos e em todas as coisas e em todos os lugares em que [nos encontremos], mesmo até a morte’, porque, seguramente, foi dessa maneira que Ele nos defendeu, sim, até a morte, até quando teve de ficar inteiramente só.”

Élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Não havia ninguém com Ele”, *A Liahona*, maio de 2009, p. 88.

Aplicação pessoal: Nesta Páscoa, lembre-se da última e solitária jornada do Salvador. Ele sacrificou tudo o que tinha para que você e todas as pessoas da Terra possam se tornar puros e ter vida eterna. Aprenda com Seu exemplo perfeito. Tenha-O em seus pensamentos e em seu coração. E lembre sempre que você nunca está sozinho. Por Ele ter perseverado em Sua jornada final em completa e total solidão, Ele não vai abandoná-lo. Seu amor por você é infinito e imutável, e Ele está pronto para lhe oferecer paz, consolo e esperança à medida que você prossegue em sua própria jornada. Seu dom da Expição é eterno e foi dado a você. ■

Veja como a Páscoa judaica nos ajuda a entender a Páscoa em [LDS.org/go/41817](https://www.LDS.org/go/41817).





VAMOS compartilhar NOSSO CONHECIMENTO DE UM SALVADOR

*Nossa mensagem
é uma
mensagem de
paz, e vocês são
os mensageiros
que a pregam.
Podem fazer
isso por meio
de novos e
emocionantes
canais de
tecnologia.*

Somos a Igreja de Jesus Cristo, estabelecida nos últimos dias. Do mesmo modo que o Senhor instruiu Seus antigos discípulos, temos o encargo nestes últimos dias de “[ir] por todo o mundo, [e pregar] o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15).

O antigo profeta Néfi resumiu de modo sucinto a missão, a mensagem e o propósito por trás disso: “E falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte procurar a remissão de seus pecados” (2 Néfi 25:26).

No livro de Mosias, lemos como o antigo profeta do Livro de Mórmon, o rei Benjamim, reuniu seu povo de toda a terra ao redor do templo, fez com que fosse erigida uma torre e os ensinou. Ao ensiná-los, também lhes profetizou a respeito de nossos dias: “E além disso, digo-vos que chegará o tempo em que o conhecimento de um Salvador se espalhará por toda nação, tribo, língua e povo” (Mosias 3:20).



Élder Gary E. Stevenson

Do Quórum dos
Doze Apóstolos



1830



5 mil
exemplares
do Livro de
Mórmon
impressos

1850

1870

1890

**Música e
Palavras de In-
spiração:**
começou em
1929 —
está se apro-
ximando de
sua transmis-
são número
5 mil.



1950

1974



2010

2030

Hoje:
175 milhões
de exemplares do
Livro de Mórmon
impressos

“O conhecimento de um Salvador”

Um dos mais preciosos dons a ser entesourado em nossa família e dado a outros é “o conhecimento de um Salvador”, ou de Jesus Cristo.

Com a abertura da dispensação da plenitude dos tempos, toda a humanidade se viu iluminada e houve uma enxurrada de avanços tecnológicos. Ela trouxe consigo a era industrial e ferramentas de comunicação, permitindo que a profecia do rei Benjamim fosse cumprida.

Como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, chamado como testemunha especial “do nome de Cristo no mundo todo” (D&C 107:23) com designações específicas tanto no comitê de assuntos públicos quanto no de serviços de comunicação, posso me concentrar no cumprimento dessa profecia — de que “o conhecimento de um Salvador” está se espalhando por todo o mundo — usando as mais recentes tecnologias a nosso dispor.

“Por toda nação, tribo, língua e povo”

Historicamente, os avanços na imprensa e a invenção do rádio e da televisão permitiram que a mensagem da Restauração fosse levada por todo o mundo. Encontramos inúmeros exemplos disso, alguns dos quais estão em nossa memória.

“Satélites são apenas o início do que está reservado para o futuro da transmissão mundial. (...) Acredito que o Senhor está ansioso para nos confiar invenções que nós, leigos, mal conseguimos vislumbrar.”

— **Presidente Spencer W. Kimball**

Dentro de um período de dez anos após a Primeira Visão, e um mês antes de a Igreja ser organizada, 5 mil exemplares do Livro de Mórmon foram publicados. Desde aquela época, mais de 175 milhões de exemplares já foram impressos.

Em toda manhã de domingo, podemos ouvir ou ver a transmissão do programa *Música e Palavras de Inspiração*, que está se aproximando de sua transmissão de número 5 mil. A primeira transmissão foi feita ao vivo pelo rádio em 1929. A primeira transmissão da conferência geral pela televisão ocorreu em 1949.

É interessante notar que, em 1966, o presidente David O. McKay (1873–1970) começou a falar de coisas que estavam por vir: “Descobertas latentes com tamanho poder, quer seja para a bênção ou para a destruição dos seres humanos, fazem com que a responsabilidade dos homens de controlá-las seja a maior já colocada em suas mãos. (...) Esta época está cheia de perigos ilimitados, assim como de possibilidades incalculáveis”.¹

Em 1974, o presidente Spencer W. Kimball (1895–1985) descreveu sua visão do futuro: “O Senhor abençoou o mundo com muitos (...) satélites. Eles estão posicionados bem alto no céu, retransmitindo sinais para quase todos os cantos da superfície da Terra. (...) Sem dúvida esses satélites são apenas o início do que está reservado para o futuro da transmissão mundial. (...) Acredito que o Senhor está ansioso para nos confiar invenções que nós, leigos, mal conseguimos vislumbrar”.²

Com os avanços tecnológicos na comunicação e na mídia que surgiram rapidamente após o desenvolvimento da Internet, parece que testemunhamos em nossa vida o cumprimento literal das profecias do rei Benjamim, do presidente McKay e do presidente Kimball.

Há também um padrão claro de adoção dessas tecnologias para a edificação do reino do Senhor na Terra. Gostaria de compartilhar alguns exemplos com vocês.

LDS.org e Mormon.org

Em 1996, a Igreja começou oficialmente a utilizar a Internet como veículo de envio de mensagens e comunicação. Desde essa época, estima-se que 260 sites patrocinados pela Igreja foram apresentados, inclusive os que estão disponíveis em quase todos os países nos quais há membros da Igreja, em seu idioma local.

Vou compartilhar dois exemplos conhecidos desses sites. O primeiro é o LDS.org, criado em 1996, que hoje recebe mais de 24 milhões de novos visitantes por ano e, em média, mais de 1 milhão de visitantes a cada semana. Muitos membros encontram ali material curricular para ensino e discursos de conferências gerais passadas. O segundo é o Mormon.org, um site que visa a apresentar o evangelho a nossos amigos e vizinhos que não são membros da Igreja. Esse site recebe mais de 16 milhões de visitantes diferentes por ano.

Aplicativos para dispositivos móveis

Evidentemente, as tecnologias evoluem em ritmo frenético, exigindo esforços e recursos consideráveis para nos manter atualizados. Com a invenção dos smartphones, surgiu a capacidade de explorar e acessar imensos volumes de dados em um dispositivo portátil. Grande parte desses dados está organizada na forma de aplicativos para dispositivos móveis, ou “apps”. O primeiro aplicativo patrocinado pela Igreja foi lançado em 2007.

Há inúmeros exemplos de nosso uso benéfico de aplicativos para divulgar nosso “conhecimento de um Salvador”. Não vou descrever o conteúdo dos muitos aplicativos que estão ao alcance de um toque, mas aqui estão alguns exemplos de aplicativos que vocês devem conhecer:

- Biblioteca do Evangelho
- Canal Mórmon
- Ferramentas SUD
- Música SUD
- Árvore Familiar

Esses aplicativos estão sendo usados milhões de vezes por semana por milhões de usuários.



Mídia social

Por definição, mídias sociais são tecnologias mediadas por computador que permitem que pessoas e organizações vejam, criem e compartilhem informações, ideias e outras formas de expressão por meio de redes e comunidades virtuais.

Com início por volta de 2010, a Igreja começou a utilizar com seriedade a mídia social para divulgar “o conhecimento de um Salvador”. Trata-se de uma forma de comunicação digital dinâmica e rápida. É quase incomparável na velocidade das mudanças.

Uma característica observável da mídia social é que, assim que nos sentimos familiarizados ou à vontade com uma plataforma, surge uma nova, maior, visivelmente mais interessante ou melhor.

Vou descrever brevemente cinco plataformas de mídia social que a Igreja está usando como canais de comunicação:

1. O Facebook tem mais de 2 bilhões de usuários no mundo inteiro. Nele, os usuários constroem sua própria rede social de amigos online.
2. O Instagram é um site social que se centraliza em imagens e vídeos.
3. O Pinterest é como se fosse um quadro de avisos virtual. Nesse site, imagens chamadas de “pins” são pregadas no quadro. Podem ser frases inspiradoras ou fotografias de objetos ou estilos de vida desejados.
4. O Twitter é uma rede social que permite que os usuários enviem e leiam pequenas mensagens de 280 caracteres chamadas de “tweets”.

Com a invenção dos smartphones, surgiu a capacidade de explorar e acessar imensos volumes de dados em um dispositivo portátil.



Em agosto de 2016, o presidente Dieter F. Uchtdorf postou um vídeo no Instagram, ensinando princípios do evangelho a seu neto Erik em uma — vocês devem ter adivinhado — cabine de piloto de avião!

5. O Snapchat exibe fotos e breves vídeos que desaparecem imediatamente ou após 24 horas.

Como instituição, estamos usando esses sites de mídia social de modo incisivo.

FACEBOOK

Vocês devem se lembrar da terna mensagem de conferência que o élder Jeffrey R. Holland, do Quórum dos Doze Apóstolos, proferiu há alguns anos sobre depressão.³ Com base em seu discurso, foi produzido um segmento de vídeo que teve mais de 2 milhões de visualizações somente no Facebook, com muitos milhares de curtidas, compartilhamentos e comentários positivos.⁴

INSTAGRAM

Em agosto de 2016, o presidente Dieter F. Uchtdorf postou um vídeo no Instagram, ensinando princípios do evangelho a seu neto Erik em uma — vocês devem ter adivinhado — cabine de piloto de avião!⁵ A publicação do presidente Uchtdorf no Instagram foi apreciada por milhares, sendo acompanhada de inúmeros comentários positivos.

A Igreja também publicou em sua conta do Instagram, em novembro de 2017, um vídeo do élder Dallin H. Oaks e do élder M. Russell Ballard respondendo à pergunta de uma jovem adulta a respeito do serviço

missionário para as mulheres. Essa publicação foi visualizada mais de 112 mil vezes.

PINTEREST

No Pinterest, podemos encontrar centenas de pins do LDS.org e muitos outros de membros individuais, inspirando uns aos outros.

Muitos, por exemplo, compartilham palavras dos profetas — do passado e do presente. O pin de um dos ensinamentos do presidente Thomas S. Monson diz o seguinte: “Muito na vida depende de nossa atitude”.⁶

TWITTER

Um tweet que o élder David A. Bednar, do Quórum dos Doze Apóstolos, compartilhou no ano passado, na manhã de Páscoa, foi visualizado 210 mil vezes. O élder Bednar mostrou que uma mensagem breve e simples: “Não está aqui, porque já ressuscitou” (Mateus 28:6), pode ter um impacto profundo e duradouro.

SNAPCHAT

Por fim, apareceram recentemente no Snapchat fotografias e palavras que compartilhavam mensagens da Primeira Presidência proferidas pelo presidente Monson.

Riscos associados

Tendo acabado de louvar todas as virtudes dessas novas tecnologias e de demonstrar seu uso adequado, acho que também seria útil abordar alguns dos riscos associados a elas.

Todos devemos estar cientes do tempo que pode ser consumido na mídia social ou no uso de aplicativos para celulares. O uso das redes sociais também traz consigo o risco de redução da interação feita pessoalmente, o que pode prejudicar o desenvolvimento de aptidões sociais em muitos de nossos jovens.

Os perigos associados ao conteúdo impróprio não devem ser subestimados. Há uma crescente epidemia de vício em pornografia

na sociedade, que está afetando negativamente e vitimando até membros e famílias da Igreja.

Por fim, quero citar dois outros riscos confluentes, cujas redes são lançadas sobre praticamente todos, inclusive as jovens e as mães e esposas da geração do milênio. Costumo rotular esses dois riscos de “realidades idealizadas” e “comparações que nos inferiorizam”. Acho que a melhor maneira de os descrever é dar alguns exemplos.

Falando de modo geral, as fotografias que são postadas nas redes sociais tendem a retratar a vida em seu melhor aspecto e com frequência de modo até pouco realista. Costumam estar cheias de lindas imagens de decoração de interiores, lugares turísticos maravilhosos e a preparação de pratos elaborados. O perigo, é claro, está no fato de que muitas pessoas ficam desanimadas por parecerem não estar à altura dessa realidade virtual idealizada.

Inspirada no pin de um bolo de aniversário em forma de panqueca, minha sobrinha postou recentemente sua tentativa de reproduzi-lo. Em vez de deixar que isso criasse uma pressão indevida, ela decidiu inspirar outras pessoas postando seu “fracasso no Pinterest” (ver foto das panquecas).

Espero que aprendamos a encontrar mais humor na vida e a ficar menos desanimados quando nos depararmos com imagens que talvez retratem uma realidade idealizada, que muitas vezes leva a comparações que nos inferiorizam.

Aparentemente não se trata apenas de um sinal dos tempos, mas, a julgar pelas palavras de Paulo, o mesmo acontecia no passado também: “Porém estes que (...) se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento” (2 Coríntios 10:12).

O élder J. Devn Cornish, dos Setenta, também nos deu recentemente um conselho muito oportuno: “Torturamo-nos desnecessariamente quando competimos e nos comparamos. Julgamos falsamente nosso valor pessoal pelas *coisas* que

temos ou que não temos e pela *opinião de outras pessoas*. Se tivermos que nos comparar, comparemos o modo como éramos no passado a como somos hoje — e até a como queremos ser no futuro”.⁷

Quero compartilhar um dos segredos de nossa família, oculto nesta foto de família (ver na próxima página) que tiramos há alguns anos, antes da existência das mídias sociais. Se essa foto tivesse sido tirada em 2017, é provável que tivesse sido postada, apresentando uma família de quatro filhos bem-comportados, com roupas combinando e desfrutando da oportunidade de tirarem uma foto de família juntos. Querem saber a verdadeira história?

Ainda me lembro do telefonema de minha esposa. “Gary, onde está você? Estamos aqui no estúdio do fotógrafo, ao ar livre. Todos estão prontos para tirar a foto. Não foi fácil vestir todos os meninos, coordenar tudo e nos preparar. Você já está quase chegando?”

Ora, eu tinha me esquecido e nem sequer tinha saído do escritório. Estava meia hora atrasado, e as coisas não saíram às mil maravilhas na minha ausência, beirando o caos.

Muitas pessoas ficam desanimadas por parecerem não estar à altura da realidade virtual idealizada.



Realidade idealizada



Comparações que nos inferiorizam



E, é claro, as manchas de sangue

ficaram então nas costas da camisa de nosso filho mais novo.

Nosso segundo filho cobriu estrategicamente as meias esportivas brancas com as mãos para que tudo combinasse.

Quanto a mim, pois é, Gary estava em maus lençóis, porque tinha sido meu atraso que desencadeara tudo aquilo.

Assim, quando virem esta bela foto de nossa família e se lamentarem, dizendo: “Por que não conseguimos nos organizar e tirar uma perfeita foto de família como eles?”, vão saber a verdade!

O que aconteceu? Bem, meu filho mais velho, que estava correndo pelo jardim, encontrou uma macieira, apanhou algumas maçãs e começou a jogá-las nos outros meninos. Acertou uma maçã nas costas do nosso terceiro filho e o derrubou, fazendo-o chorar.

Enquanto isso estava acontecendo, meu segundo filho se sentou no chão e fez a barra da calça subir um pouco. Os outros meninos viram que ele estava usando meias esportivas brancas, e não as meias sociais de igreja que sua mãe tinha separado para ele. Ela perguntou: “Por que não calçou as meias sociais?”

Ele respondeu: “Não gosto delas. São ásperas”.

Enquanto ela conversava com ele, nosso filho de 2 anos, que estava correndo pelo jardim, tropeçou em algo, caiu e fez sangrar o nariz. Sua camisa branca de gola olímpica ficou manchada de sangue. Foi então que apareci. O único modo de salvar a fotografia foi virar a camisa e vesti-la de trás para frente, escondendo da câmera as manchas de sangue.

Daí, enquanto corria e jogava maçãs, nosso filho mais velho caiu e sujou a calça, ficando com uma grande mancha de grama no joelho. Assim, na foto, ele posicionou estrategicamente o braço, cobrindo as manchas no joelho.

Quanto ao nosso terceiro filho, bem, tivemos que esperar 20 minutos para que seus olhos não estivessem mais vermelhos de choro.

A mídia social e o trabalho missionário

Como podem ver, precisamos estar atentos aos perigos e riscos, incluindo a realidade idealizada e as comparações que nos inferiorizam. Normalmente o mundo não é tão brilhante como é retratado nas redes sociais. Mesmo assim, há muita coisa boa que veio e virá por meio dessas plataformas de comunicação.

O Departamento Missionário providenciou algumas novas instruções em 2017 sobre maneiras práticas pelas quais as mídias sociais podem ser usadas no trabalho missionário. Os muitos recursos digitais à nossa disposição podem ser usados de modo vigoroso, fácil, simples e extremamente eficaz.

Há um número elevadíssimo de aplicativos para uso adequado e inspirado da tecnologia. Devemos fazer todo o possível para ensinar o uso correto da tecnologia aos jovens da nova geração, alertá-los dos perigos associados a ela e prevenir sua utilização imprópria. Isso deve ajudar a garantir que os benefícios da tecnologia superem os riscos a ela associados.

“Quão formosos são os mensageiros”

Enquanto eu ponderava e orava profundamente sobre esta mensagem, acordei cedo certa manhã com um hino e a letra em mente: “Quão formosos são os mensageiros que nos pregam o evangelho da paz”.⁸

Nossa mensagem é uma mensagem de paz, e vocês são os mensageiros que a pregam. Podem fazer isso por meio de novos e empolgantes canais de tecnologia. Vivemos em um mundo incomparável na plenitude dos tempos com a capacidade de pregar o evangelho da paz à nossa disposição.

Temos as palavras proféticas dos antigos profetas, que descreveram perfeitamente nosso tempo e deram instruções para nossos dias: “E além disso, digo-vos que chegará o tempo em que o conhecimento de um Salvador se espalhará por toda nação, tribo, língua e povo” (Mosias 3:20).

Temos também as palavras que nos chegam por intermédio da revelação moderna, falando e dando orientações para nosso tempo e nossas circunstâncias. Vou citar o élder Bednar: “Creio que é chegado o tempo para nós, como discípulos de Cristo, usarmos essas ferramentas inspiradas adequadamente e com mais eficiência para prestar testemunho de Deus, o Pai Eterno, de Seu plano de felicidade para Seus filhos e de Seu Filho, Jesus Cristo, como o Salvador do mundo; para proclamar a realidade da Restauração do evangelho nos últimos dias; e para realizar a obra do Senhor”.⁹

Convido cada um de vocês a refletir plenamente sobre seu papel de pregar o evangelho de

paz como formosos mensageiros. Façamos, cada um de nós, a nossa parte para compartilhar nosso “conhecimento de um Salvador” com toda nação, tribo, língua e povo. O melhor modo de fazer isso é dando um passo por vez, de uma maneira especial que funcione melhor para você e sua família. Que cada um de vocês tenha a coragem de escrever um blog, publicar pins, curtir, compartilhar, postar, fazer amizades, enviar tweets, usar o snap e o swipe up, de modo a glorificar, honrar e respeitar a vontade de nosso amoroso Pai Celestial e levar o conhecimento do Salvador a seus familiares, entes queridos e amigos — inclusive seus amigos das redes sociais. ■

Extraído do discurso “The Knowledge of a Savior” [O conhecimento de um Salvador], proferido na Conferência das Mulheres da Universidade Brigham Young, em 5 de maio de 2017.

NOTAS

1. David O. McKay, Conference Report, outubro de 1966, p. 4.
2. Spencer W. Kimball, “When the World Will Be Converted” [Quando o mundo for convertido], *Ensign*, outubro de 1974, pp. 11, 10.
3. Jeffrey R. Holland, “Como um vaso quebrado”, *A Liahona*, novembro de 2013, p. 40.
4. Ver Jeffrey R. Holland, “Mensagem mórmon: Como um vaso quebrado”, 20 de junho de 2016, mormonnewsroom.org.
5. Ver “President Uchtdorf Relates Flying to Gospel in Post and Video with Grandson” [O presidente Uchtdorf relaciona o evangelho com o ato de pilotar um avião em publicação e vídeo com neto], 30 de setembro de 2016, LDS.org.
6. Thomas S. Monson, “Vida em abundância”, *A Liahona*, janeiro de 2012, p. 4.
7. J. Devn Cornish, “Sou bom o suficiente? Vou conseguir?”, *A Liahona*, novembro de 2016, p. 33.
8. “How Lovely Are the Messengers” [Quão formosos são os mensageiros], hymnary.org.
9. David A. Bednar, “Varrer a Terra por meio das redes sociais”, *A Liahona*, agosto de 2015, p. 50; ver também David A. Bednar, “Varrer a Terra como um dilúvio” (vídeo), LDS.org.

Façamos, cada um de nós, a nossa parte para compartilhar nosso “conhecimento de um Salvador” com toda nação, tribo, língua e povo.

Vivemos em um mundo incomparável na plenitude dos tempos com a capacidade de pregar o evangelho da paz à nossa disposição.





CAPÍTULO 3

As placas de ouro

Este é o capítulo 3 de uma nova narrativa histórica de quatro volumes intitulada Santos: A História da Igreja de Jesus Cristo nos Últimos Dias. O livro estará disponível em 14 idiomas em versão impressa, na seção História da Igreja do aplicativo Biblioteca do Evangelho e online no site santos.LDS.org/por. Os próximos capítulos serão publicados em edições posteriores até o volume 1 ser lançado antes do fim deste ano. Esses capítulos estarão disponíveis em 47 idiomas no aplicativo Biblioteca do Evangelho e em santos.LDS.org/por. O capítulo 2 descreve a Primeira Visão de Joseph, quando ele viu o Pai e o Filho, na primavera de 1820.

Três anos e três colheitas se passaram. Joseph despendera a maior parte do tempo limpando e arando a terra ou trabalhando para outras pessoas a fim de ganhar dinheiro e pagar a prestação anual da fazenda. Por causa disso, ele não conseguia frequentar a escola assiduamente, passando a maior parte do tempo livre com a família ou com outros trabalhadores.

Joseph e seus amigos eram jovens e alegres. Às vezes, eles cometiam erros tolos, e Joseph aprendeu que ser perdoado uma vez não significava que jamais precisaria se arrepender novamente. Nem a sua visão gloriosa respondera a todas as suas dúvidas ou acabara para sempre com sua confusão.¹ Assim, ele procurou se achegar a Deus. Ele lia a Bíblia, confiava no poder de Jesus Cristo para salvá-lo e obedeceu ao mandamento do Senhor de não se juntar a uma igreja.

Como muitas pessoas na região, incluindo seu pai, Joseph acreditava que Deus pode revelar conhecimento por meio de objetos como varas e pedras, como tinha feito com Moisés, Arão e outros na Bíblia.² Um dia, enquanto ajudava um vizinho a cavar um poço, Joseph encontrou uma pequena pedra enterrada profundamente na terra. Ciente de que as pessoas às vezes usavam pedras especiais para procurar objetos perdidos ou tesouros escondidos, Joseph queria saber se ele tinha encontrado uma dessas pedras. Ao olhar para ela, conseguia ver coisas invisíveis ao olho natural.³

O dom de Joseph para usar a pedra impressionou os membros da família, que consideraram isso como um sinal

do favorecimento divino.⁴ Mas, embora ele tivesse o dom de um vidente, Joseph ainda não tinha certeza se Deus estava feliz com ele, pois já não sentia mais o perdão e a paz que sentiu depois de sua visão do Pai e do Filho. Em vez disso, muitas vezes ele se sentia condenado por suas fraquezas e imperfeições.⁵

Em 21 de setembro de 1823, aos 17 anos de idade, Joseph estava deitado no quarto do sótão que compartilhava com seus irmãos após ter ficado acordado até tarde naquela noite, ouvindo sua família conversar sobre as diferentes igrejas e as doutrinas que ensinavam. Naquele momento, todos estavam dormindo e a casa estava em silêncio.⁶

Na escuridão de seu quarto, Joseph começou a orar, rogando fervorosamente que Deus perdoasse seus pecados. Ele ansiava por entrar em comunhão com um mensageiro celeste que poderia lhe assegurar de sua situação perante o Senhor e lhe dar o conhecimento do evangelho que lhe havia sido prometido no bosque. Joseph sabia que Deus já havia respondido suas orações e tinha plena confiança de que Ele responderia novamente.

Enquanto Joseph orava, uma luz apareceu ao lado da cama, ficando cada vez mais brilhante, até iluminar o quarto inteiro. Joseph olhou para cima e viu um anjo, pairando no ar, vestindo uma túnica branca solta, que o cobria até os pulsos e os tornozelos. Uma luz irradiava dele e seu semblante brilhava como um relâmpago.

A princípio, Joseph ficou com medo, mas logo se sentiu em paz quando o anjo o chamou pelo nome e disse que se chamava Morôni. Ele disse a Joseph que Deus havia perdoado seus pecados e que agora tinha um trabalho para ele. Morôni declarou que o nome de Joseph seria considerado bom e mau entre todos os povos.⁷



Perto de Palmyra, Nova York, o Monte Cumora fica a quase 5 quilômetros a sudeste da fazenda da família Smith. Joseph sabia aonde ir para encontrar as placas do Livro de Mórmon ali enterradas porque Morôni lhe mostrara o monte em uma visão.

grande galho caído, que usou como alavanca para levantar e colocar a pedra de lado.¹⁸

Debaixo da pedra, havia uma caixa com as laterais e a base também feitas de pedra, dentro da qual Joseph viu as placas de ouro, as pedras de vidente e um peitoral.¹⁹ As placas continham gravações de escrita antiga e estavam unidas em um dos lados por três anéis. O conjunto tinha cerca de 15 centímetros de largura, 20 centímetros de altura, e as placas eram finas, sendo que uma parte delas parecia estar selada para que ninguém pudesse ler.²⁰

Admirado, Joseph ficou imaginando novamente quanto as placas valeriam. Ele tentou pegá-las, mas sentiu uma onda de choque passar por todo o seu corpo. Ele retirou a mão, mas ainda fez outras duas tentativas, levando outro choque cada vez que tocava as placas novamente.

“Por que não consigo pegar esse livro?”, ele perguntou em voz alta.

“Porque você não obedeceu aos mandamentos do Senhor”, respondeu uma voz familiar.²¹

Joseph se virou e viu Morôni. A mensagem da noite anterior inundou sua mente de uma só vez e ele sabia que tinha se esquecido do verdadeiro propósito do registro. Ele começou a orar, e sua mente e alma despertaram para o Espírito Santo.

“Olhe”, ordenou Morôni. Outra visão se abriu diante de Joseph, e ele viu Satanás cercado por suas inúmeras hostes. “Tudo isso lhe é mostrado, o bem e o mal, o sagrado e o impuro, a glória de Deus e o poder das trevas”, o anjo declarou, “para que você conheça, daqui em diante, a diferença entre os dois poderes e nunca seja influenciado ou se deixe vencer por aquele ser iníquo”.

Ele instruiu Joseph a purificar seu coração e fortalecer sua mente para receber o registro. “Essas coisas sagradas são obtidas somente por meio da oração e da fidelidade em obedecer ao Senhor”, Morôni explicou. “Elas não foram depositadas aqui com o propósito de se obter ganhos e riquezas para a glória deste mundo. Elas foram seladas pela oração da fé.”²²

Joseph perguntou quando ele poderia pegar as placas.

“No dia 22 de setembro do próximo ano”, Morôni disse, “se trouxer a pessoa certa com você”.

“Quem é a pessoa certa?”, perguntou Joseph.

“Seu irmão mais velho.”²³

Desde criança, Joseph sempre soubera que poderia confiar em seu irmão mais velho. Alvin tinha 25 anos e provavelmente poderia ter sua própria fazenda se desejasse, mas escolhera ficar na fazenda da família porque queria ajudar os pais a se estabelecerem em segurança em suas terras antes de envelhecerem. Ele era sério e trabalhador e Joseph o amava e o admirava imensamente.²⁴

Talvez Morôni sentisse que Joseph necessitava da sabedoria e da força de seu irmão para se tornar o tipo de pessoa a quem o Senhor poderia confiar as placas.

Ao voltar para casa à noite, Joseph estava cansado, mas a família se reuniu ao seu redor assim que passou pela porta, pois eles estavam ansiosos por saber o que ele encontrou na colina. Joseph começou a contar sobre as placas, mas Alvin o interrompeu quando percebeu o quanto Joseph parecia estar cansado.

“Vamos dormir agora”, ele disse, “e amanhã nos levantaremos bem cedo para trabalhar”. Eles teriam tempo suficiente

no dia seguinte para ouvir o restante da história de Joseph. “Se a mamãe preparar o jantar mais cedo”, ele disse, “teremos uma longa noite para nos sentar e ouvi-lo falar”.²⁵

Na noite seguinte, Joseph contou o que havia acontecido no monte e Alvin acreditou nele. Por ser o filho mais velho da família, Alvin sempre se sentiu responsável pelo bem-estar físico dos pais idosos, tanto que ele e os irmãos até haviam começado a construir uma casa maior para a família para que tivessem mais conforto.

Agora, parecia que Joseph estava cuidando do bem-estar espiritual deles, pois, nas noites seguintes, ele manteve o interesse de todos enquanto contava sobre as placas de ouro e o povo que as havia escrito, de maneira que a família ficou mais unida e o lar cheio de paz e felicidade. Todos sentiam que algo maravilhoso estava por vir.²⁶

Porém, numa manhã de outono, menos de dois meses depois da visita de Morôni, Alvin voltou para casa sentindo uma dor intensa no estômago. Curvado de dor, ele implorou ao pai que buscasse ajuda e, quando o médico finalmente chegou, deu a Alvin uma grande dose de um remédio que só fez com que as coisas piorassem.

Alvin ficou acamado por vários dias, se contorcendo de dor e, ao sentir que provavelmente morreria, chamou Joseph. “Faça tudo ao seu alcance para obter os registros”, Alvin disse. “Seja fiel ao receber as instruções e ao cumprir todos os mandamentos que lhe forem dados.”²⁷

Pouco tempo depois, ele morreu e a tristeza tomou conta da família. Durante o funeral, um ministro insinuou que Alvin fora para o inferno, e usou sua morte para alertar os outros sobre o que aconteceria às pessoas a não ser que Deus interviesse para salvá-los. Joseph Sr. ficou furioso, pois seu filho tinha sido um bom rapaz e ele não acreditava que Deus o amaldiçoaria.²⁸

Após a morte de Alvin, as conversas sobre as placas acabaram. Ele tinha sido tão devotado ao apoiar o chamado divino de Joseph que qualquer menção a elas fazia com que se lembrassem de sua morte. A família não conseguia suportar a dor e Joseph sentia uma falta imensa de Alvin, o que tornou sua morte particularmente difícil. Ele esperava contar com seu irmão mais velho para ajudá-lo a receber as placas. Agora sentia-se abandonado.²⁹

Quando finalmente chegou o dia para voltar ao monte, Joseph foi sozinho e, sem Alvin, ele não tinha certeza se o Senhor lhe confiaria as placas. Mas ele achava que seria capaz de guardar cada mandamento que o Senhor lhe dera, como aconselhara seu irmão. As instruções de Morôni para retirar as placas eram claras. “Você deve segurá-las em suas mãos e ir direto para sua casa, sem demora”, o anjo disse, “e trancá-las em um cofre”.³⁰

Na colina, Joseph levantou a pedra, pegou as placas e as retirou de dentro da caixa. Então, um pensamento passou por sua mente: os outros itens na caixa eram valiosos e ele precisava escondê-los antes de ir embora. Ele colocou as placas no chão e se virou para cobrir a caixa. Porém, quando se virou novamente para pegar as placas, elas tinham desaparecido. Alarmado, Joseph caiu de joelhos e suplicou para saber onde elas estavam.

Morôni então apareceu e disse a Joseph que ele tinha falhado novamente em seguir as instruções, pois não apenas colocara as placas no chão antes de guardá-las em segurança como também as deixara fora de sua vista. Mesmo estando tão disposto a fazer o trabalho do Senhor, o jovem vidente ainda não estava pronto para proteger o registro antigo.

Joseph ficou decepcionado consigo mesmo, mas Morôni lhe disse que voltasse para buscar as placas no ano seguinte. Ele também lhe ensinou mais sobre o plano do Senhor para o reino de Deus e a grande obra que estava para começar.

Uma estátua de Morôni se ergue no topo do Monte Cumora para comemorar o local em que Joseph Smith viu pela primeira vez as placas do Livro de Mórmon, em 22 de setembro de 1823, e obteve as placas exatamente quatro anos depois.



Ainda assim, depois que o anjo partiu, Joseph desceu a colina com pesar, preocupado com o que sua família pensaria quando chegasse de mãos vazias.³¹ Quando ele entrou em casa, a família o esperava. Seu pai perguntou imediatamente se ele estava com as placas.

“Não”, ele disse. “Não pude pegá-las.”

“Você as viu?”

“Eu as vi, mas não pude trazê-las.”

“Eu as teria pego”, disse Joseph Sr., “se estivesse em seu lugar”.

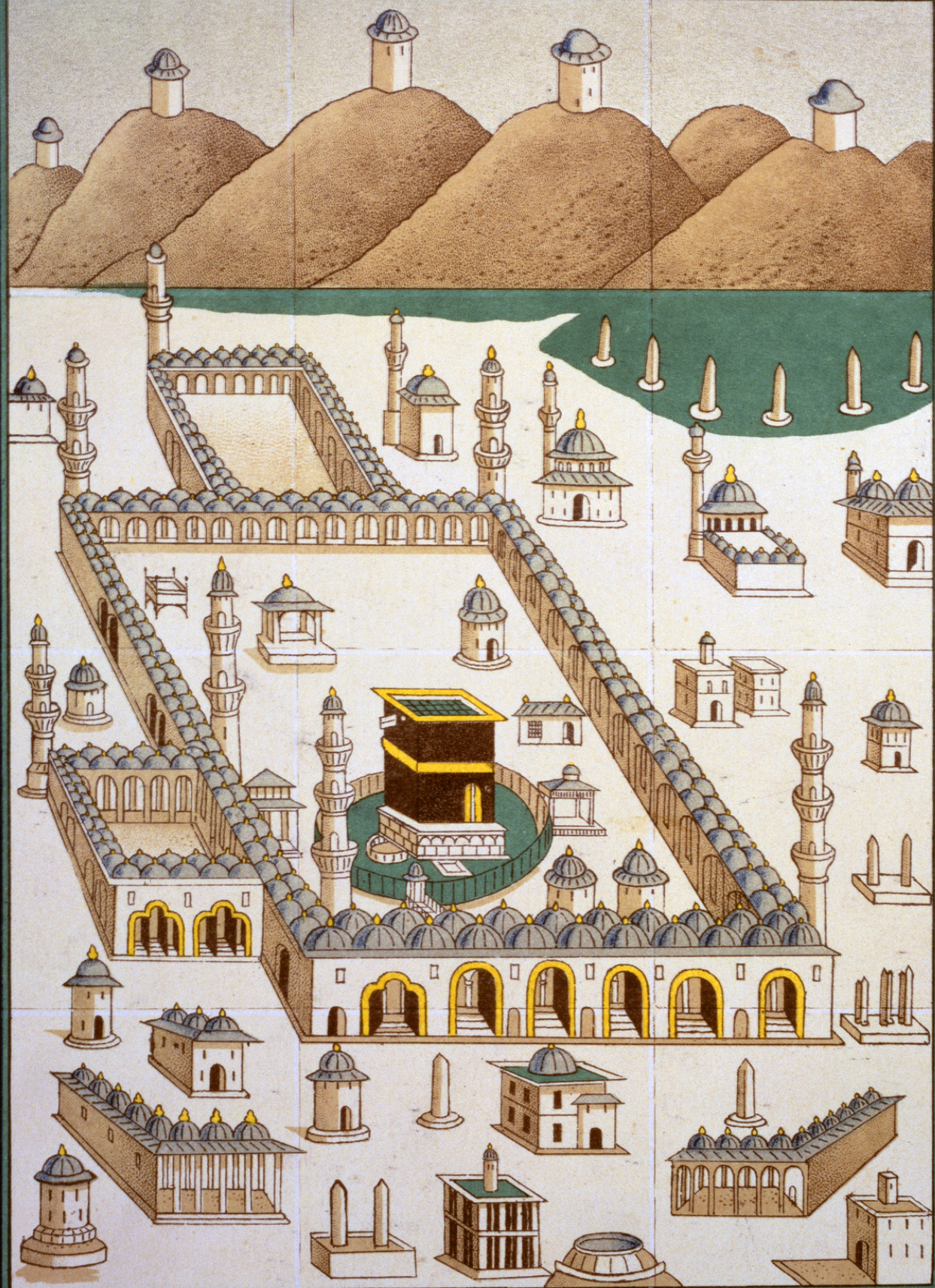
“Você não sabe o que está dizendo”, respondeu Joseph. “Eu não pude pegá-las porque o anjo do Senhor não me permitiu.”³² ■

Uma lista completa dos trabalhos citados está disponível em inglês no site saints.LDS.org.

A palavra *Tópico* nas notas indica que há mais informações online no site santos.LDS.org/por.

NOTAS

1. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, pp. 4–5, em *JSP*, H1, p. 220 (rascunho 2); Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 1, em *JSP*, H1, p. 11.
2. “Joseph Smith as Revelator and Translator” [Joseph Smith como revelador e tradutor], em *JSP*, MRB:xxi; Turley, Jensen e Ashurst-McGee, “Joseph the Seer” [Joseph, o Vidente], pp. 49–50; ver também Mosias 8:17; Alma 37:6–7, 41; e Doutrina e Convênios 10:1, 4 (Revelation [Revelação], primavera de 1829, em josephsmithpapers.org).
3. Bushman, *Rough Stone Rolling* [Uma Pedra Bruta], pp. 48–49; Bushman, “Joseph Smith as Translator” [Joseph Smith Como Tradutor], p. 242. **Tópico:** Seer Stones [Pedras de vidente].
4. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 95; ver também Alma 37:23.
5. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 4, em *JSP*, H1, pp. 13–14; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 28–29; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 5, em *JSP*, H1, pp. 218–220 (rascunho 2).
6. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 3, p. 10.
7. Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 4, em *JSP*, H1, pp. 13–14; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 29–33; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 5, em *JSP*, H1, pp. 218–222 (rascunho 2); Pratt, *Interesting Account* [Relato interessante], p. 6, em *JSP*, H1, p. 524; Hyde, *Ein Ruf aus der Wüste* [Um Chamado do Deserto], pp. 17–20. **Tópico:** Angel Moroni [Anjo Morôni].
8. Joseph Smith, Journal [Diário], 9–11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1, p. 88.
9. Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, p. 35; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 5, em *JSP*, H1, p. 222 (rascunho 2); Joseph Smith History [História de Joseph Smith], por volta do verão de 1832, p. 4, em *JSP*, H1, p. 14; Oliver Cowdery, “Letter IV” [Carta IV], *LDS Messenger and Advocate*, fevereiro de 1835, vol. 1, pp. 65–67; Turley, Jensen e Ashurst-McGee, “Joseph the Seer” [Joseph, o Vidente], pp. 49–54; “Mormonism—No. II” [Mormonismo], *Tiffany’s Monthly*, julho de 1859, p. 164. **Tópico:** Seer Stones [Pedras de vidente].
10. Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 36–41; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, pp. 5–6, em *JSP*, H1, pp. 222–226 (rascunho 2); Joseph Smith, Journal [Diário], 9–11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1, pp. 88–89.
11. Oliver Cowdery, “Letter IV” [Carta IV], *LDS Messenger and Advocate*, fevereiro de 1835, vol. 1, pp. 78–79; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 3, p. 11.
12. Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 42–43; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 6, em *JSP*, H1, p. 226 (rascunho 2).
13. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 3, pp. 10–11; Oliver Cowdery, “Letter IV” [Carta IV], *LDS Messenger and Advocate*, fevereiro de 1835, vol. 1, pp. 79–80; Oliver Cowdery, “Letter VII” [Carta VII], *LDS Messenger and Advocate*, julho de 1835, vol. 1, pp. 156–157; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 44–46; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, pp. 6–7, em *JSP*, H1, pp. 230–232 (rascunho 2); Joseph Smith, Journal [Diário], 9–11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1, pp. 88–89.
14. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 3, p. 11; ver também Smith, *William Smith on Mormonism* [William Smith sobre o Mormonismo], p. 9.
15. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 3, p. 11; Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], p. 82; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 48–49; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 7, em *JSP*, H1, pp. 230–232 (rascunho 2); Joseph Smith, Journal [Diário], 9–11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1, p. 89.
16. Joseph Smith, Journal [Diário], 9–11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1, p. 89.
17. Oliver Cowdery, “Letter VIII” [Carta VIII], *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1835, vol. 2, pp. 195–197. **Tópico:** Treasure Seeking [A busca de tesouros].
18. Oliver Cowdery, “Letter VIII” [Carta VIII], *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1835, vol. 2, pp. 195–197; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 51–52; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, pp. 6–7, em *JSP*, H1, pp. 230–232 (rascunho 2); ver também Packer, “A Study of the Hill Cumorah” [Um Estudo do Monte Cumoral], pp. 7–10.
19. Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, p. 52; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 7, em *JSP*, H1, p. 232 (rascunho 2). **Tópico:** Gold Plates [Placas de ouro].
20. Joseph Smith, “Church History” [História da Igreja], *Times and Seasons*, 1º de março de 1842, vol. 3, p. 707, em *JSP*, H1, p. 495.
21. Oliver Cowdery, “Letter VIII” [Carta VIII], *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1835, vol. 2, pp. 197–198; ver também Pratt, *Interesting Account* [Relato interessante], p. 10, em *JSP*, H1, pp. 527–529.
22. Oliver Cowdery, “Letter VIII” [Carta VIII], *LDS Messenger and Advocate*, outubro de 1835, vol. 2, pp. 198–199.
23. Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 1; Joseph Smith, Journal [Diário], 9–11 de novembro de 1835, em *JSP*, J1, p. 89; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, pp. 53–54; Joseph Smith History [História de Joseph Smith], 1838–1856, volume A-1, p. 7, em *JSP*, H1, pp. 232–234 (rascunho 2); ver também Jessee, “Joseph Knight’s Recollection of Early Mormon History” [Recordações de Joseph Knight dos Primórdios da História Mórmon], p. 31.
24. Joseph Smith, Journal [Diário], 23 de agosto de 1842, em *JSP*, J1, pp. 116–117.
25. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 3, p. 12; livro 4, p. 3; Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], p. 83.
26. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, pp. 1–3; Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], pp. 86–87; ver também Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 89; e Bushman, *Refinement of America* [Refinamento da América], pp. 425–427. **Tópico:** Joseph Sr. and Lucy Mack Smith Family [A família de Joseph Sr. e Lucy Mack Smith].
27. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, pp. 3–5.
28. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, pp. 6–8; “Wm. B. Smith’s Last Statement” [Última declaração de Wm. Smith], *Zion’s Ensign*, 13 de janeiro de 1894, p. 6.
29. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, p. 7; Joseph Smith, Journal [Diário], 23 de agosto de 1842, em *JSP*, J2, pp. 116–117.
30. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, pp. 2–3.
31. Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1844–1845, livro 4, pp. 2–3; Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], pp. 85–86; Knight, *Reminiscences* [Memórias], p. 1; Joseph Smith—History [Joseph Smith—História], vol. 1, p. 54; Lucy Mack Smith, History [Lucy Mack Smith, História], 1845, p. 88; ver também Jessee, “Joseph Knight’s Recollection of Early Mormon History” [Recordações de Joseph Knight dos Primórdios da História Mórmon], p. 31.
32. Smith, *Biographical Sketches* [Esboços Biográficos], p. 86.



ENTENDER O islamismo

Daniel C. Peterson

Professor de estudos islâmicos e árabes, Universidade Brigham Young

Observação: Como é importante entender as pessoas de outras religiões, os líderes da Igreja sentiram que seria útil fornecer uma visão geral da história e dos ensinamentos do islamismo, a segunda maior religião do mundo.

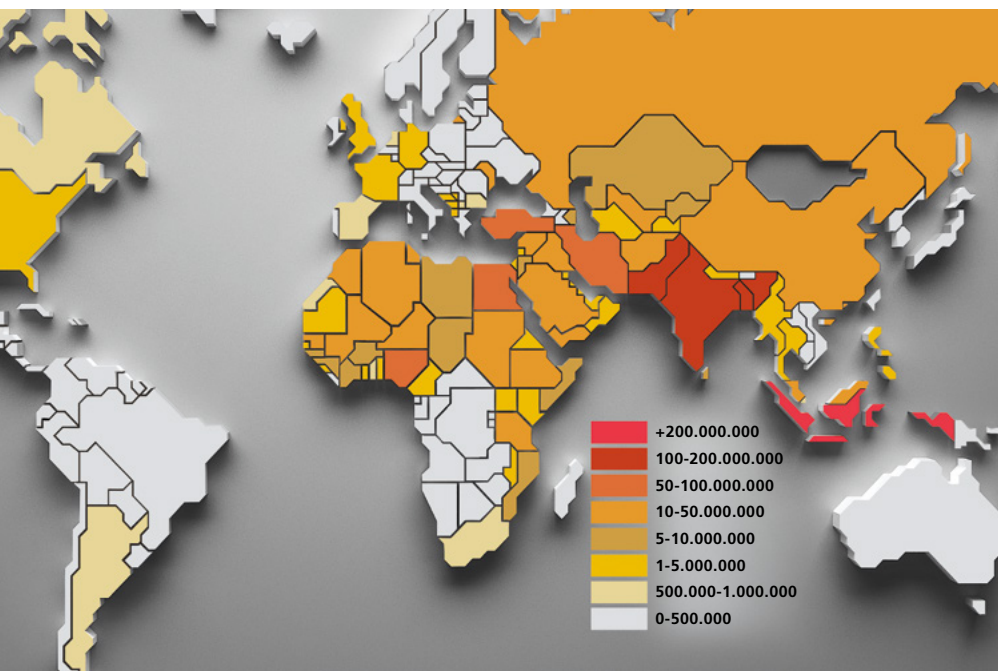
Por bem ou por mal, praticamente não passa nenhum dia sem que o islamismo e os muçulmanos estejam nas manchetes de notícias. É compreensível que muitos não muçulmanos — inclusive os santos dos últimos dias — fiquem curiosos e até preocupados. Será que temos algo em comum com nossos vizinhos muçulmanos? Será que podemos viver juntos e trabalhar juntos?

Em primeiro lugar, algumas informações históricas podem ser úteis:

Em 610 d.C., um mercador árabe de meia-idade chamado Maomé subiu nas montanhas ao redor de Meca, sua cidade natal, para refletir e orar sobre a confusão religiosa que o rodeava. Depois disso, ele conta que recebeu uma visão que o chamava para ser um profeta para seu povo. Esse acontecimento marca o início da religião conhecida como islamismo, que deriva de Islã, palavra que significa “submissão” (a Deus). O seguidor do islamismo é chamado de muçulmano, que significa “aquele que é submisso”.

Depois disso, Maomé disse ter recebido muitas revelações até seu falecimento, quase 25 anos mais tarde. Ele as compartilhou primeiramente com os residentes de sua cidade natal, alertando sobre os julgamentos divinos que viriam, conclamando seus ouvintes a se arrependem e a tratar devidamente as viúvas, os órfãos e os pobres, e pregando a ressurreição universal dos mortos e o julgamento final de Deus.

Mosaico do século 19 ilustrando a Caaba, em Meca, a cidade onde Maomé nasceu e a mais sagrada do mundo islâmico.



Distribuição mundial dos muçulmanos por país, em milhões (Pew Research Center, 2009).

Contudo, a ridicularização e a perseguição a que ele e seus seguidores foram submetidos se tornaram tão intensas que eles foram obrigados a fugir para a cidade de Medina, uma viagem de aproximadamente quatro dias para o norte no lombo de camelos.

Ali, o papel de Maomé mudou drasticamente.¹ De um simples pregador e admoestador, ele se tornou legislador, juiz e líder político de uma importante cidade árabe e, com o

tempo, de toda a península arábica. Esse estabelecimento inicial de uma comunidade de fiéis deu ao islamismo uma identidade religiosa enraizada na lei e na justiça que continua sendo uma de suas características mais marcantes e importantes.

Duas facções principais emergiram dentre os seguidores de Maomé após sua morte, em 632 d.C., divididos inicialmente pela questão de quem deveria sucedê-lo como líder

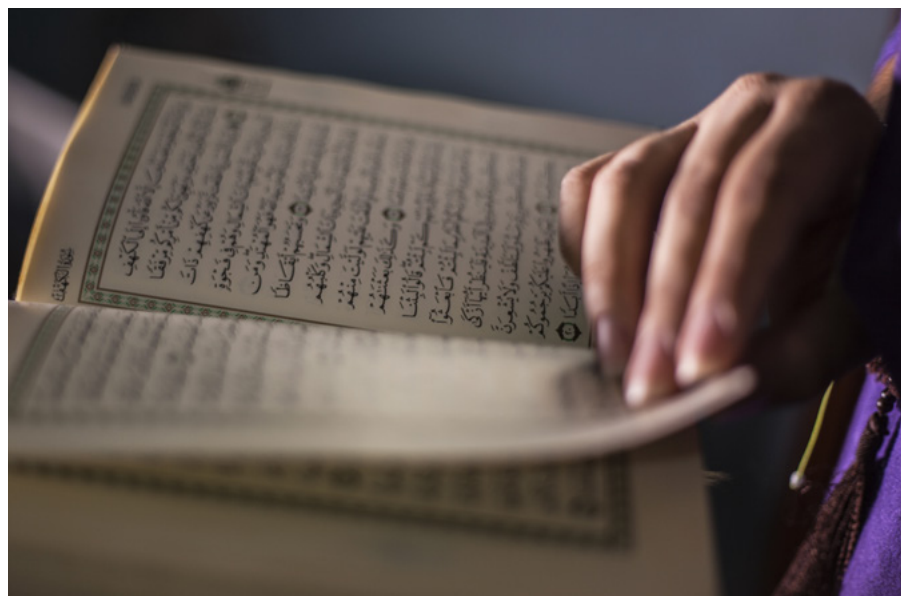
da comunidade islâmica.² A maior delas passou a ser chamada de sunita (afirmando seguir a *sunna*, ou a prática costumeira de Maomé, e é relativamente flexível sobre a questão de sucessão). A outra, que se desenvolveu em torno do genro de Maomé, 'Ali, foi chamada de *shi'at 'Ali* (a facção de 'Ali) e hoje é amplamente conhecida simplesmente como a dos xiitas. Ao contrário dos sunitas, os xiitas acreditam que o direito de suceder a Maomé como líderes da comunidade pertence legitimamente ao parente masculino mais próximo do profeta Maomé, 'Ali e seus herdeiros.

Apesar dessas divergências, o mundo islâmico se tornou mais unificado, em termos religiosos, do que o cristianismo. Além disso, por vários séculos, até cerca de 800 d.C., a civilização islâmica era indiscutivelmente a mais avançada do mundo, em termos de ciência, medicina, matemática e filosofia.

Fontes da doutrina e prática muçulmanas

As revelações que Maomé alegava ter recebido foram reunidas em um livro chamado Alcorão (do verbo árabe *qara'a*, “ler” ou “recitar”) no período de uma ou duas décadas após sua morte. Composto de 114 capítulos, o Alcorão não é a história de Maomé. De modo muito semelhante ao livro de Doutrina e Convênios, não se trata de uma narrativa. Os muçulmanos o consideram como

Os muçulmanos consideram o Alcorão como a palavra de Alá revelada diretamente a Maomé.



a palavra (e as palavras) que Deus revelou diretamente a Maomé.³

Os cristãos que o lerem encontrarão temas conhecidos. Ele fala, por exemplo, da criação do universo por Deus em sete dias, de Adão e Eva serem colocados no Jardim do Éden, de sua tentação pelo diabo, de sua queda e do chamado de uma série de profetas subsequentes (a maioria dos quais também aparece na Bíblia). Esses profetas são descritos no Alcorão como *muçulmanos*, tendo submetido sua vontade a Deus.

Abraão, descrito como o amigo de Deus, é uma figura proeminente no texto.⁴ (Entre outras coisas, acredita-se

Cerca de 2 milhões de muçulmanos realizam uma peregrinação a Meca a cada ano.

que ele tenha recebido revelações, as quais anotou, porém se perderam posteriormente.⁵) Moisés, o faraó e o êxodo dos filhos de Israel também têm seu lugar na história.

Surpreendentemente, Maria, a mãe de Jesus, é mencionada 34 vezes no Alcorão, em comparação com 19 vezes no Novo Testamento. (De fato, ela é a única mulher mencionada pelo nome no Alcorão.)

Um refrão constante no Alcorão é a doutrina do *tawhid*, uma palavra que pode ser traduzida como “monoteísmo”, ou mais literalmente, “tornar-se um”. Representa um dos princípios centrais do islamismo: há somente um ser divino inteiramente único. “Ele jamais gerou, tampouco foi gerado”, declara o Alcorão, “e ninguém há que se lhe compare”.⁶

Segue-se então o que é sem dúvida a mais importante diferença entre o islamismo e o cristianismo: os muçulmanos não acreditam na divindade de Jesus Cristo ou do Espírito Santo. Isso indica também que, embora todas as pessoas sejam igualmente criações de Deus, de acordo com a doutrina islâmica não somos Seus filhos.

No entanto, os muçulmanos acreditam que Jesus foi um profeta de Deus sem pecados, nascido de uma virgem e destinado a desempenhar um papel central nos acontecimentos dos últimos dias. Ele é mencionado com frequência e de modo reverente no Alcorão.

Ensinaamentos e práticas básicas do islamismo

Os assim chamados “Cinco pilares do islamismo” — resumidos de modo



Os muçulmanos se ajoelham em oração cinco vezes por dia.

muito conciso em uma declaração tradicionalmente atribuída a Maomé, e não no Alcorão — estabelecem alguns princípios básicos da doutrina islâmica:

1. Testemunho

Se o islamismo tem um credo universal, é o *shahada*, “profissão de fé” ou “testemunho”. O termo se refere a uma fórmula árabe que, ao ser traduzida, diz o seguinte: “Testifico que não há outro deus além de Deus [Alá] e que Maomé é o Mensageiro de Deus”. O *shahada* é a porta de entrada para o islamismo. Recitá-lo com sincera crença é se tornar muçulmano.

O equivalente em árabe à palavra *Deus* é *Alá*. A contração das palavras *al-* (“o”) e *ilah* (“deus”) não é um nome próprio, mas, sim, um título, que está relacionado com a palavra hebraica *Elohim*.

Como não há um sacerdócio islâmico, não há ordenanças do sacerdócio. Tampouco há uma única “igreja” islâmica. Assim, a profissão do *shahada*, em certo sentido, é o equivalente islâmico do batismo. A atual ausência de



uma estrutura de liderança mundial formal e unificada tem outras implicações. Não há, por exemplo, um líder geral dos muçulmanos do mundo, ninguém que fale em nome de toda a comunidade. (Maomé é quase universalmente considerado o último profeta.) Isso também significa que não há nenhuma igreja da qual os terroristas ou “hereges” possam ser excomungados.

2. Oração

Muitos não muçulmanos conhecem o ritual muçulmano de oração chamado *salat*, que envolve um número específico de prostrações físicas, cinco vezes ao dia. Recitar determinados versículos do Alcorão e tocar a testa no chão demonstram humilde

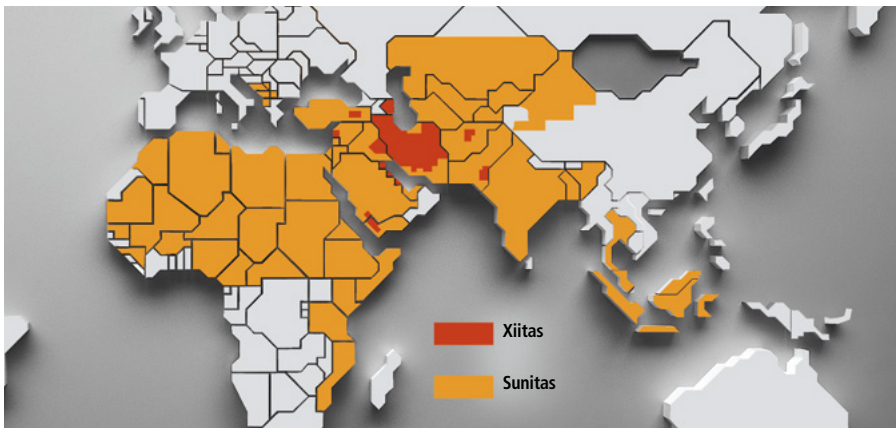
submissão a Deus. Uma oração mais espontânea, chamada *du'a*, pode ser feita a qualquer momento e não exige prostração.

Para as orações do meio do dia na sexta-feira, exige-se que os homens muçulmanos e se incentiva que as mulheres muçulmanas orem em uma mesquita (do árabe *masjid*, ou “local de prostração”). Ali, em grupos separados por sexo, eles formam fileiras, oram conforme liderados pelo imã (do árabe *amama*, que significa “em frente de”) da mesquita e ouvem um breve sermão. A sexta-feira, porém, não é exatamente o equivalente do Dia do Senhor, embora o “fim de semana” na maioria dos países muçulmanos se centralize no *yawm al-jum'a* (“o dia de reunião”) ou sexta-feira, sendo considerado pecaminoso trabalhar nesse dia.

3. Esmolas

Zakat (que significa “aquilo que purifica”) denota a realização de

Mais de 85 por cento dos muçulmanos do mundo são sunitas (ver Pew Research Center). Os xiitas são minoria praticamente em toda parte, exceto no Azerbaijão, em Barein, no Irã e no Iraque.



doações caridosas para sustento dos pobres e também para mesquitas e outros empreendimentos islâmicos. Geralmente são calculadas como 2,5 por cento da riqueza total de um muçulmano, acima de certa quantia mínima. Em alguns países muçulmanos, são recolhidas por instituições governamentais. Em outros, são voluntárias.

4. Jejum

Todos os anos, os muçulmanos praticantes se abstêm de alimentos, bebidas e relações sexuais do nascer do sol até o pôr do sol durante todo o mês lunar do Ramadã. Normalmente eles também se dedicam a ações especiais de caridade para com os pobres e à leitura do Alcorão durante esse mês.⁷

5. Peregrinação

Os muçulmanos que têm saúde e recursos para tal devem realizar uma peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida. (Costuma-se incluir uma visita a Medina, a segunda cidade mais sagrada do islamismo, mas sem obrigatoriedade.) Para os muçulmanos fiéis, essa peregrinação é um acontecimento profundamente espiritual e tocante, de modo semelhante a assistir pessoalmente a uma conferência geral ou a entrar no templo pela primeira vez.

Algumas questões atuais

Três das principais fontes de preocupação para os não muçulmanos em relação ao islamismo são a violência religiosa, a lei islâmica ou *xaria* e o tratamento dado às mulheres no islamismo.

Alguns extremistas usam o termo *jihad* para se referir exclusivamente a uma “guerra santa”, mas a palavra, na verdade, significa “trabalho prático”, em oposição à “mera” oração e ao estudo das escrituras.

Os juristas e pensadores muçulmanos divergem em seu entendimento do jihad. As fontes legais padrão, por exemplo, afirmam que o jihad militar aceitável deve ser defensivo e que os oponentes devem ser avisados e receber a oportunidade de cessar os atos provocativos. Alguns juristas e outros pensadores muçulmanos afirmam

Um grupo de mulheres muçulmanas se reúne para o iftar, a refeição noturna com a qual os muçulmanos encerram seu jejum diário do Ramadã ao pôr do sol.

que o jihad pode se referir a qualquer ação prática que vise a beneficiar a comunidade islâmica ou melhorar o mundo em geral. Diz-se que Maomé diferenciava o “jihad maior” do “jihad menor”. Este último, segundo ele, se refere à guerra. Mas o jihad maior se refere ao combate à injustiça e também à resistência pessoal a uma vida em retidão.

O terrorismo islâmico atual afirma ter raízes religiosas, mas é indubitavelmente um reflexo de problemas sociais, políticos e econômicos que têm pouca ou nenhuma relação com a religião como tal.⁸ Além disso, é importante observar que a grande maioria dos muçulmanos do mundo não aderiu à violência dos terroristas.⁹



Algumas mulheres muçulmanas usam o hijab como sinal de recato ou devoção a Alá ou para expressar visivelmente sua identidade muçulmana.

A *xaria* é outro ponto de preocupação para alguns não muçulmanos. Extraída do Alcorão e dos *hadith* — breves relatos do que Maomé e seus associados mais próximos disseram e fizeram, provendo exemplos de conduta muçulmana e complementando e explicando passagens do Alcorão —, ela é um código muçulmano de conduta.¹⁰ As regras que governam o vestuário tanto masculino quanto feminino (como o *hijab*, ou véu) são encontradas na *xaria*. Embora sejam seguidas à risca em alguns países muçulmanos, são consideradas opção individual em outros. A *xaria* aborda assuntos como higiene pessoal, o horário e o conteúdo das orações, e regras que governam o casamento, o divórcio e a herança. Assim, quando os muçulmanos indicam nas pesquisas que desejam ser governados pela *xaria*, podem ou não estar fazendo uma declaração política. Pode ser que estejam simplesmente dizendo que almejam viver genuinamente como muçulmanos.

Muitos não muçulmanos, quando pensam no tratamento dado às mulheres no islamismo, imediatamente pensam na poligamia e nos véus. Porém, a realidade cultural é muito mais complexa. Muitas passagens do Alcorão declaram que as mulheres são iguais aos homens embora outras pareçam lhes atribuir um papel subalterno. Sem dúvida há algumas práticas em muitos países islâmicos — geralmente com raízes na cultura tribal pré-islâmica ou outros costumes



preexistentes — que consideram as mulheres subservientes. Contudo, a forma como os muçulmanos veem o papel das mulheres varia consideravelmente, de país para país e até dentro dos países.

A visão que os santos dos últimos dias têm do islamismo

Apesar das nossas diferentes crenças, como os santos dos últimos dias podem construir um relacionamento próximo com os muçulmanos?

Em primeiro lugar, devemos reconhecer o direito dos muçulmanos de “adorar como, onde, ou o que desejarem” (Regras de Fé 1:11). Em 1841, os santos dos últimos dias do conselho municipal de Nauvoo promulgaram um estatuto sobre liberdade religiosa que garantia “livre tolerância e privilégios iguais” a “católicos, presbiterianos, metodistas, batistas, santos dos últimos dias, quacres, episcopais, universalistas, unitaristas, maometanos [muçulmanos] e todas as outras seitas e denominações religiosas, sejam elas quais forem”.¹¹

Devemos também lembrar que nossos líderes da Igreja, de modo geral, têm sido surpreendentemente positivos em sua apreciação do fundador do islamismo. Em 1855, por

exemplo, em uma época em que muitos cristãos condenavam Maomé como um anticristo, os élderes George A. Smith (1817–1875) e Parley P. Pratt (1807–1857), do Quórum dos Doze Apóstolos, fizeram longos sermões não apenas manifestando um entendimento notavelmente bem instruído e justo da história islâmica, mas também elogiando o próprio Maomé. O élder Smith comentou que Maomé “sem dúvida foi levantado por Deus com o propósito” de pregar contra a idolatria, e ele expressou compaixão pelos muçulmanos, os quais, tal como os santos dos últimos dias, encontravam dificuldade em “conseguir que uma história honesta” fosse escrita a respeito deles. Falando imediatamente em seguida, o élder Pratt expressou admiração pelos ensinamentos de Maomé, pela moralidade e pelas instituições da sociedade muçulmana.¹²

Uma declaração oficial mais recente foi feita em 1978 pela Primeira Presidência. Ela menciona especificamente Maomé entre “os grandes líderes religiosos do mundo”, dizendo que, tal como eles, ele “recebeu uma porção da luz de Deus. Foram concedidas verdades morais a [esses líderes] por Deus”, escreveram

os presidentes Spencer W. Kimball, N. Eldon Tanner e Marion G. Romney, “para iluminar nações inteiras e levar um nível mais elevado de entendimento às pessoas”.¹³

Edificando uma base comum

Embora os santos dos últimos dias e os muçulmanos difiram em questões importantes — a divindade de Jesus Cristo, Seu papel como Salvador e o chamado de profetas modernos —, temos muitas coisas em comum. Ambos acreditamos, por exemplo, que somos moralmente responsáveis perante Deus, que devemos buscar tanto a retidão pessoal quanto uma sociedade boa e justa, e que seremos ressuscitados e levados perante Deus para ser julgados.

Tanto os muçulmanos quanto os santos dos últimos dias acreditam na importância vital de famílias fortes e no mandamento divino de ajudar os pobres e necessitados e de

demonstrar nossa fé por meio de atos de discipulado. Não parece haver motivo para que santos dos últimos dias e muçulmanos não consigam fazer isso lado a lado e até, quando surgirem oportunidades, cooperando entre si nas comunidades em que, cada vez mais, descobrimos ser vizinhos em um mundo cada vez mais secular. Juntos, podemos demonstrar que a fé religiosa pode ser uma força poderosa para o bem e não apenas uma fonte de discórdia e até de violência, como afirmam alguns críticos.

O próprio Alcorão sugere um modo de vivermos pacificamente juntos a despeito de nossas diferenças: “Se Deus quisesse, poderia ter-nos tornado uma única comunidade. Mas Ele quis nos testar no que nos concedeu. Então, concorram uns com os outros em boas ações. Todos retornaremos a Deus, e Ele nos informará no tocante às coisas sobre as quais costumávamos discordar”.¹⁴ ■

NOTAS

1. De fato, 622 d.C. — o ano da *Hégira*, ou imigração, de Maomé para Medina — é o ano base do calendário muçulmano (*hegírico*), e as revelações coletadas no Alcorão são classificadas como mecanas ou medinenses.
2. Ao longo dos séculos, as duas facções se separaram ainda mais por outras questões secundárias.
3. É significativo notar que, embora seja permitida a tradução do Alcorão para outros idiomas, somente o original em árabe é considerado verdadeiramente como sendo o Alcorão e verdadeiramente escritura.
4. Ver Alcorão 4:125.
5. Ver Alcorão 53:36-62; 87:9-19; ver também Daniel C. Peterson, “News from Antiquity” [Notícias da antiguidade], *Ensign*, janeiro de 1994, pp. 16–21.
6. Alcorão 112:3-4. As traduções do Alcorão são de Daniel C. Peterson.
7. As edições-padrão do Alcorão são divididas em 30 partes iguais justamente por esse motivo.
8. Ver, por exemplo, Robert A. Pape, *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism* [Morrer para Vencer: A Lógica Estratégica do Terrorismo Suicida], 2005; Graham E. Fuller, *A World without Islam* [Um Mundo sem o Islamismo], 2010; Robert A. Pape e James K. Feldman, *Cutting the Fuse: The Explosion of Global Suicide Terrorism and How to Stop It* [Cortar o Pavio: A Explosão do Terrorismo Suicida Global e Como Pará-lo], 2010.
9. Ver Charles Kurzman, *The Missing Martyrs: Why There Are So Few Muslim Terrorists* [Os Mártires Ausentes: Por Que Há Tão Poucos Muçulmanos Terroristas], 2011; ver também John L. Esposito e Dalia Mogahed, *Who Speaks for Islam? [Quem Fala em Nome do Islamismo?], What a Billion Muslims Really Think* [O Que Pensam Realmente um Bilhão de Muçulmanos], 2008; James Zogby, *Arab Voices: What They Are Saying to Us and Why It Matters* [Vozes Árabes: O Que Elas Estão Nos Dizendo e Por Que Isso Importa], 2010.
10. É bem semelhante, de fato, à lei rabínica do judaísmo.
11. Estatuto referente a sociedades religiosas, Cidade de Nauvoo, [Illinois] sede de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1º de março de 1841.
12. Ver *Journal of Discourses*, vol. 3, pp. 28–42.
13. Declaração da Primeira Presidência, 15 de fevereiro de 1978. Em sua análise do livro *Introduction to the Qur'an* [Introdução ao Alcorão], 1970, de Richard Bell, W. Montgomery Watt, um importante estudioso do islamismo e sacerdote anglicano, sugeriu um possível modo pelo qual um cristão fiel poderia considerar o Alcorão uma obra inspirada.
14. Alcorão 5:48; comparar com 2:48.



ESTE É O LUGAR

Meu pai, um cristão devoto, ensinou-me a ter fé em Jesus Cristo. Essa fé me ajudou a sobreviver à guerra civil de três anos na Nigéria no final da década de 1960, quando eu estava no exército. Mais tarde, porém, fiquei confuso e parei de frequentar a igreja.

Quando vim para os Estados Unidos, em 1981, para estudar, senti que precisava de Deus em minha vida. Por dois anos, frequentei várias igrejas em Boston, Massachusetts, mas nenhuma delas me interessou. Não sentia o Espírito, por isso parei de procurar.

Pouco tempo depois, em 1984, minha esposa, Mabel, veio da Nigéria para ficar junto de mim, e comecei a ter um ardente desejo de me achegar novamente a Deus e de pertencer a uma igreja. Um amigo que veio da Nigéria me visitar não sabia que eu estava procurando uma igreja, mas me contou sobre uma igreja da qual tinha ouvido falar que tinha um livro chamado o Livro de Mórmon.

Depois disso, continuei procurando igrejas. Encontrei uma chamada A

No templo, as palavras que ouvi no meu primeiro dia na Igreja foram confirmadas para mim muitas vezes.



Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A palavra *santo* me chamou a atenção. Eu não sabia que havia uma igreja cujos membros eram chamados de santos. Naquele domingo, decidi verificar.

Na reunião sacramental da qual participei, a congregação cantou hinos de modo reverente, os sacerdotes abençoaram o pão e a água, e a cerimônia foi dirigida com ordem e humildade. Depois, ao sair para o corredor e refletir sobre a reunião, ouvi meu nome.

“Simeon”, disse a voz do Espírito, “este é o lugar”.

Naquele momento, dois missionários vieram falar comigo. Apresentaram-se e me mostraram o Livro de Mórmon. Olhei para eles e disse: “Não sei nada a respeito do Livro de Mórmon, mas conheço a Bíblia. Estou pronto”.

Eles começaram a me ensinar o plano de salvação. Menos de um mês depois, fui batizado. Minha esposa se filiou à Igreja pouco tempo depois. Alguns anos mais tarde, fomos selados no Templo de Washington D.C. e nossos cinco filhos foram selados a nós.

No templo, muitas coisas me foram reveladas, mas as palavras que ouvi no meu primeiro dia na Igreja foram confirmadas para mim muitas vezes por meio de revelação no templo: “Este é o lugar”. O impacto daquela declaração do Espírito Santo mudou minha vida para sempre e também a vida de minha esposa e de meus filhos. ■

Simeon Nnah, Aba, Nigéria

Com essa desculpa, minha leitura das escrituras foi diminuindo, até eu quase não estar mais lendo nada.



COMO EU PODERIA MELHORAR MEU ESTUDO DAS ESCRITURAS?

Eu tinha voltado da missão havia apenas três meses quando comecei a ter dificuldade para ler as escrituras.

Eu tinha lido as escrituras todos os dias na missão e prometido continuar a fazê-lo quando voltasse para casa. Mas, com o passar do tempo, muitas coisas pareciam estar atrapalhando. Ou eu tinha lições de casa em excesso, ou estava atarefada no trabalho, ou simplesmente cansada demais. Com essa desculpa, minha leitura das escrituras foi diminuindo, até eu quase não estar mais lendo nada.

Abri o Livro de Mórmon certa noite, com a intenção de ler só um versículo. O versículo me fez lembrar que as escrituras contêm “a agradável palavra de Deus, sim, a palavra que cura a alma ferida” (Jacó 2:8).

Ponderei aquele versículo e me dei conta do efeito negativo que a

negligência no estudo das escrituras estava tendo sobre mim. Eu me sentia mais estressada na escola, mais apática na Igreja e mais distante de Deus. Minha alma precisava da palavra de Deus que traz a cura, encontrada nas escrituras. Eu sabia que estava precisando reorganizar minhas prioridades.

Consultei amigos, familiares e líderes da Igreja, pedindo sugestões para melhorar meu estudo das escrituras. Descobri três coisas úteis.

Em primeiro lugar, percebi que o estudo das escrituras à noite não era eficaz para mim. Ao estudar pela manhã, isso me permitia ponderar durante o dia a doutrina e os princípios que eu tinha lido logo cedo.

Em segundo lugar, somos ensinados a ler as escrituras com a família, mas, como eu estava na faculdade e longe de casa, comecei a ler as

escrituras com amigas e as moças com quem eu dividia o apartamento. Isso me ajudou a ter uma obrigação de prestar contas e levou a excelentes conversas sobre o evangelho.

Em terceiro lugar, comecei a anotar a inspiração e os pensamentos que recebia durante o estudo das escrituras. Isso me ajudou a concentrar-me no que estava lendo e a reconhecer melhor a voz do Espírito.

Assim que o estudo das escrituras se tornou uma prioridade em minha vida de novo, descobri que eu tinha mais tempo e energia para realizar tudo o que precisava ser feito. E o mais importante, senti-me mais próxima de Deus novamente ao ler e ponderar as escrituras. Agora, quando passo um tempo lendo as escrituras, sinto paz e encontro cura para minha alma. ■

Sarah Keenan, Utah, EUA



Encontrei minha tia e seu bebê de cinco meses em uma rede presa a dois pés de manga.

“PULE NO RIO!”

Certo dia, minha avó me pediu que eu levasse para minha tia um pouco de comida que ela havia feito. Era uma tarde quente de sábado, e havia muitas outras coisas que eu queria fazer em vez de cumprir uma tarefa para minha avó. Eu disse a ela que um de meus primos poderia ir em meu lugar, mas ela insistiu que tinha de ser eu.

Uma hora se passou, e comecei a sentir que eu devia fazer o que minha avó pedira. Peguei a comida e me pus a caminho da casa da minha tia. Era longe e, quando cheguei, não pretendia ficar lá muito tempo.

Encontrei minha tia e seu bebê de cinco meses em uma rede presa a dois pés de manga. As árvores ficavam à beira de um rio que passava

atrás da casa. Fui andando até onde os dois estavam para entregar a comida. De repente, as cordas da rede se romperam. Minha tia e o bebê rolaram para dentro do rio. Fiquei apavorado! Eu não sabia nadar, e não havia ninguém por perto para ajudar. Eu não sabia o que fazer.

Imediatamente, ouvi a voz do Espírito me dizer: “Pule no rio!”

Sem pensar duas vezes, saltei. Felizmente, encontrei o bebê em questão de segundos, e minha tia conseguiu sair das águas. Quando saí do rio com o bebê, nem podia acreditar no que acabara de acontecer. Tinha pulado no rio sem saber nadar, mas, por ter ouvido o Espírito, meu priminho e eu fomos salvos de nos afogar.

Dei-me conta de como é importante reconhecer e ouvir a orientação e a inspiração que Deus nos dá por meio do Espírito Santo. Sinto-me grato por ter finalmente feito o que minha avó pedira e levado a comida para a casa da minha tia. Sei que devemos nos esforçar para estar sensíveis à inspiração espiritual de modo a podermos ser as mãos de Deus para ajudar Seus filhos. ■

Elvin Jerome Laceda, Pampanga, Filipinas



SENTIR-SE EM CASA DE NOVO

Eu não estava preparada para o telefonema do meu irmão. “A mamãe acabou de falecer”, anunciou ele. “Ela caiu e bateu a cabeça.”

Foi um choque para mim! Minha mãe havia partido, e eu tinha acabado de falar com ela na noite anterior. Fiquei me perguntando por que aquilo havia acontecido. Não conseguia entender por que ela me deixara. Fiquei brava! Alimentei minha raiva por várias semanas.

Por fim, decidi a quem culpar. Era culpa de Deus. Ele tirou minha mãe de mim cedo demais. Ela deixou de ver muitos momentos marcantes da minha vida, e achei que era tudo culpa Dele. Eu não era membro da Igreja na época, mas era cristã devota. Em vez de buscar forças em Deus,

afastei-me Dele e expulsei-O da minha vida.

Sentia muito a falta da minha mãe. Na minha infância e adolescência, minha casa com meus pais era um lugar seguro. Não importava onde eu me encontrasse ou o que estivesse fazendo, toda vez que conversava com minha mãe ou simplesmente desfrutava sua companhia, sentia-me em casa. Agora aquele sentimento de “estar em casa” que eu tanto amava se fora.

Os anos se passaram, e perdi quase toda a minha fé. Tentei entender por que minha mãe teve de morrer, mas nada me trazia paz. Então, por cerca de uma semana, este pensamento me veio repetidas vezes à mente: eu precisava olhar para o céu para obter entendimento. Contei isso a uma

amiga querida que era membro da Igreja. Ela me perguntou se eu gostaria de conhecer mais sobre sua fé.

Não me dei conta de imediato, mas o Espírito acordou minha alma de um sono profundo. Quanto mais eu aprendia sobre o evangelho, mais sentia que havia novamente encontrado um lugar seguro. O sentimento de “estar em casa” havia retornado.

Fui batizada em maio de 2013. Sinto-me grata por minha fé voltar. Já não viro as costas para Deus. Em vez disso, eu O aceito. Ainda me sinto triste pelo falecimento súbito da minha mãe, mas, graças à minha fé em Deus, sei que um dia estarei “em casa” com minha mãe e minha família para sempre. ■

Judy Rascher, Colorado, EUA

Quando Rakotomalala se interessou pelo evangelho, a igreja mais próxima ficava em Antsirabe, uma cidade a 50 quilômetros de seu povoado, em Sarodroa. Rakotomalala e uma amiga descobriram um meio de fazer a viagem todo domingo.

Hoje, Sarodroa tem uma pequena capela onde comparecem mais de cem membros todos os domingos. Rakotomalala viu sua vila aceitar o evangelho. Quatro missionários de Sarodroa já serviram missão, e a Igreja continua a crescer.

CODY BELL, FOTÓGRAFO

Rakotomalala Alphonse

Sarodroa, Madagascar

Eu queria frequentar a igreja, mas não tinha dinheiro para o ônibus. Conversei com minha amiga, Razafindravaonasolo, e ela disse que poderíamos ir de bicicleta. Pedalávamos duas horas para ir de Sarodroa até Antsirabe todos os domingos. Quando me cansava, ia na garupa e ela começava a pedalar. Depois, quando ela ficava cansada, trocávamos de lugar.

Por fim, a família de Razafindravaonasolo e eu nos filiamos à Igreja. Frequentamos a Igreja em Antsirabe até que um ramo foi aberto em Sarodroa. Ficamos muito felizes quando pudemos frequentar a Igreja em nossa própria vila!

Veja mais fotos de Rakotomalala e Razafindravaonasolo em LDS.org/go/41845.







**Élder
Ulisses Soares**
Presidência
dos setenta

Caminhos para a verdadeira felicidade

Mais do que qualquer coisa, o Pai Celestial deseja nossa felicidade verdadeira e duradoura.

“Todas as bênçãos que Ele nos dá — os ensinamentos do evangelho, os mandamentos, as ordenanças do sacerdócio, os laços familiares, os profetas, os templos, as belezas da criação e até a oportunidade de passar por adversidades — têm como objetivo a nossa felicidade. (...) Ele enviou Seu Filho Amado para realizar a Expição para que pudéssemos ser felizes nesta vida e receber a plenitude da alegria na eternidade.”¹

As pessoas do mundo inteiro estão à procura de algo. À sua própria maneira, o que elas realmente buscam é a felicidade. Tal como acontece com a própria verdade, porém, muitos estão afastados da felicidade “por não saber onde encontrá-la” (D&C 123:12).

Como não sabem onde encontrar a verdade e a felicidade duradoura, as pessoas procuram algo que na verdade só proporciona um prazer temporário: comprar coisas, buscar

honra e louvor do mundo por meio de conduta imprópria ou se concentrar na beleza física e em uma aparência atraente.

O prazer muitas vezes é confundido com a felicidade. Parece que, quanto mais as pessoas buscam o prazer temporário, menos felizes se tornam. Geralmente o prazer dura pouco.

Conforme disse o presidente David O. McKay (1873–1970): “Podemos conseguir aquele prazer transitório, sim, mas não alegria, não podemos encontrar felicidade. A felicidade só se encontra naquele caminho bastante trilhado, estreito, porém reto, que conduz à vida eterna.”²

Infelizmente para muitos, a felicidade é fugaz. Os cientistas sabem que, “mais do que simplesmente uma atitude positiva, a felicidade é um estado de bem-estar que engloba o bem viver, ou seja, que tem um senso de significado e profunda satisfação”.³

As pesquisas mostram que a felicidade não é o resultado de se pular de uma experiência para

Que cada um de nós escolha amar o Senhor e seguir Seus caminhos para a felicidade.

outra. Em vez disso, para alcançar a felicidade, geralmente é preciso um esforço prolongado por algo mais importante na vida. A felicidade é determinada por hábitos, condutas e padrões de pensamento que podemos controlar por meio de ações intencionais. Grande parte de nossa felicidade está, na verdade, “sob controle pessoal”.⁴

Analise a importância de alguns caminhos para a felicidade encontrados nas escrituras e ensinados pelos profetas e apóstolos modernos. Ao firmarmos nossos passos fiel e firmemente nos caminhos corretos, poderemos desfrutar de felicidade na jornada à frente.

Virtude

O primeiro desses caminhos é a virtude, que é um padrão de pensamento e conduta com base em elevados padrões morais. Ela engloba a castidade e a pureza moral, que nos tornam dignos de entrar nos templos sagrados do Senhor. As pessoas

virtuosas possuem uma dignidade serena e uma força interior. Têm confiança porque são dignas de receber o Espírito Santo e de ser guiadas por Ele. A virtude começa no coração e na mente e é o acúmulo de milhares de pequenas decisões e ações cotidianas.

“Que a virtude adorne teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se fortalecerá na presença de Deus; e a doutrina do sacerdócio destilar-se-á sobre tua alma como o orvalho do céu.

O Espírito Santo será teu companheiro constante, e teu cetro, um cetro imutável de retidão e verdade; e teu domínio será um domínio eterno e, sem ser compelido, fluirá para ti eternamente” (D&C 121:45–46).

O presidente Thomas S. Monson (1927–2018) ensinou que “não há amizade que tenha mais valor do que sua própria consciência limpa, sua própria pureza moral — e que sentimento glorioso é saber que você está no lugar que lhe foi designado, limpo e confiante de que está digno para fazê-lo”.⁵

Retidão

Um segundo caminho de felicidade é a retidão. O élder Richard G. Scott (1928–2015), do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou:

“Reconheça que a felicidade duradoura vem de quem você é, e não do que você tem.



A verdadeira alegria provém do caráter justo, e isso é edificado a partir de um padrão de decisões justas e consistentes. (...) Suas decisões justas determinam quem você é e o que é importante para você. Elas tornam mais fácil fazer as coisas certas. Para ter felicidade agora e por toda a vida, obedeça firmemente ao Senhor”.⁶

Ao estudarmos as escrituras, aprendemos que as promessas que o Senhor nos fez incentivam o viver reto. Essas promessas nutrem nossa alma, dando-nos esperança e incentivando-nos a não desistir mesmo diante de nossos problemas cotidianos resultantes de vivermos em um mundo de valores éticos e morais temporários. Precisamos, portanto, certificar-nos de que nossos pensamentos, nossas palavras e nossas ações estejam nos conduzindo pelo caminho que nos levará de volta à presença de nosso Pai Celestial.

Fidelidade

Um terceiro caminho para a felicidade é a fidelidade. É fundamental entendermos que Deus nos abençoa de acordo com nossa fé, que é a fonte de uma vida com um propósito divino e uma perspectiva eterna. A fé é um princípio prático que inspira diligência. Ela se manifesta em nossa atitude positiva e em nosso desejo de fazer de bom grado tudo o que o Pai Celestial

e Jesus Cristo nos pedem. É ela que nos impulsiona a cair de joelhos implorando orientação ao Senhor e nos faz levantar e agir com confiança a fim de realizar as coisas de acordo com a vontade Dele.

Ao prosseguirmos em nossa jornada, seremos testados para ver se faremos todas as coisas que o Senhor nosso Deus nos ordenar (ver Abraão 3:25). Isso faz parte de nossa provação mortal. Vai exigir também que prossigamos com fé resoluto em Cristo, sendo guiados pelo Espírito e confiando que Deus proverá as nossas necessidades.

Lembremo-nos de que não devemos hesitar em nossa fé — mesmo nos momentos de grande dificuldade. Se formos firmes, o Senhor vai aumentar nossa capacidade de superar as dificuldades da vida. Conseguiremos dominar os impulsos negativos e desenvolveremos a capacidade de vencer até mesmo os obstáculos aparentemente insuperáveis.

Santidade

A santidade, outro caminho para a felicidade, está relacionada à perfeição espiritual e moral. Santidade indica pureza de coração e intenção. Como podemos trabalhar a cada dia para nos nutrir espiritualmente de modo a desenvolver esse caráter divino?

O presidente Harold B. Lee (1899–1973) respondeu: “Desenvolvemos

nossa espiritualidade por meio da prática. (...) Precisamos de exercícios diários para o espírito, fazendo boas obras, sendo bondosos com as pessoas, estudando as escrituras diariamente, realizando [a noite familiar], frequentando as reuniões, tomando o sacramento. (...)”

O homem justo empenha-se para aperfeiçoar-se sabendo que precisa arrepender-se diariamente”.⁷

Outro elemento importante da santidade está relacionado aos convênios que fazemos e cumprimos no templo. Se formos fiéis, esses convênios podem nos elevar além dos limites de nosso próprio poder e perspectiva. Todas as bênçãos prometidas do evangelho de Jesus Cristo podem ser nossas por meio de nossa fidelidade às ordenanças e aos convênios que fazemos diante do Pai Celestial e de Jesus Cristo no templo. Parte do padrão de uma vida “segundo o padrão da felicidade” inclui a construção de um templo no qual adoramos o Senhor e fazemos convênios com Ele (ver 2 Néfi 5:16, 27).

O ponto-chave desse caminho é que devemos ser muito cuidadosos para desenvolver a espiritualidade e ser moralmente puros.

Obediência

A obediência a todos os mandamentos de Deus está relacionada com

outros caminhos para a felicidade. Depois que os nefitas haviam se separado dos lamanitas, prosperaram muito à medida que cumpriam os juízos, os estatutos e os mandamentos “do Senhor em todas as coisas, de acordo com a lei de Moisés” (2 Néfi 5:10). Esse padrão é outro elemento importante de uma vida “segundo o padrão da felicidade”.

O presidente Monson ensinou: “Quando guardamos os mandamentos, nossa vida é mais feliz, mais cheia de realizações e menos complicada. Nossas dificuldades e nossos problemas são mais fáceis de suportar, e receberemos [as] bênçãos prometidas por [Deus]”.⁸ Ele disse também: “O conhecimento que buscamos, as respostas pelas quais ansiamos e a força que desejamos hoje para enfrentar os desafios de um mundo complexo e inconstante

podem ser nossos, se de boa vontade obedecermos aos mandamentos do Senhor”.⁹

O Salvador nos pede:

“Se me amais, guardai os meus mandamentos. (...)”

Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (João 14:15, 21).

Abnegação e amor

O caminho mais excelente para a felicidade é um caminho de abnegação e amor — amor que tem preocupação, interesse e alguma medida de caridade por toda alma vivente. O amor é a rota direta para a felicidade que vai enriquecer e abençoar nossa vida e a vida de outras pessoas. Isso significa, como disse o Salvador, que

amamos até nossos inimigos (ver Mateus 5:44).

Ao fazê-lo, estaremos cumprindo o mandamento maior de amar a Deus. Vamos nos erguer acima dos maus ventos que sopram — acima da sordez, das coisas autodestrutivas e da amargura. A verdadeira e duradoura felicidade só vem quando decidimos “[amar] ao Senhor [nosso] Deus de todo o [nosso] coração, e de toda a [nossa] alma, e de todo o [nosso] pensamento” (Mateus 22:37; ver também Deuteronômio 6:5; Marcos 12:30; Lucas 10:27).

Que cada um de nós escolha amar ao Senhor e seguir Seus caminhos para a felicidade, que é “o objetivo e o desígnio de nossa existência”.¹⁰ ■

Extraído do discurso de formatura “Paths for Happiness” [Caminhos para a felicidade], proferido na Universidade Brigham Young–Havaí, em 8 de junho de 2017.

NOTAS

1. “Felicidade”, Tópicos do evangelho, topics.LDS.org.
2. David O. McKay, Conference Report, outubro de 1919, p. 180.
3. “Happiness” [Felicidade], *Psychology Today*, psychologytoday.com/basics/happiness.
4. “Happiness” [Felicidade], *Psychology Today*.
5. Thomas S. Monson, “Exemplos de retidão”, *A Liahona*, maio de 2008, p. 65.
6. Richard G. Scott, “Tomar as decisões certas”, *A Liahona*, julho de 1991, p. 36.
7. *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Harold B. Lee*, 2000, pp. 176, 178.
8. Presidente Thomas S. Monson, “Guarda os mandamentos”, *A Liahona*, novembro de 2015, p. 83.
9. Thomas S. Monson, “A obediência traz bênçãos”, *A Liahona*, maio de 2013, p. 92.
10. Joseph Smith, *History of the Church*, vol. 5, p. 134.

Aprenda o que é a verdadeira felicidade em [LDS.org/go/41849](https://www.LDS.org/go/41849).



Casamento, dinheiro e fé

Sunday Chibuike Obasi

Participei do encontro de jovens adultos solteiros em Kumasi, Gana, não porque precisasse encontrar uma namorada — eu já era noivo —, mas porque senti que precisava de mais motivação e aquele encontro seria o lugar certo para encontrá-la. De fato, minhas orações foram respondidas no encontro depois que a irmã Call, uma missionária idosa designada a trabalhar com os jovens adultos solteiros, falou sobre a importância do casamento no templo.

Perto do fim do debate, o rosto dela subitamente mudou, e ela disse: “Você não precisa de dinheiro para se casar — só precisa de fé”. Senti como se ela estivesse falando diretamente para mim, mas achei que na verdade não se aplicava a meu caso porque tínhamos que comprar muitas coisas em preparação para o casamento. Disse para mim mesmo: “Como é que não preciso de dinheiro, mas só de fé?”

Voltei a pensar muitas e muitas vezes naquilo ao longo da semana. Nesse processo, perguntei a mim

mesmo: “Será que Deus é limitado no que Ele pode fazer?” A princípio, achei que não, porém, pensando melhor, achei que sim. Mas, então, veio uma pergunta de reavaliação: “Como Ele pode ser limitado se é Todo-Poderoso?” O Espírito me ensinou a resposta: as bênçãos de Deus dependem de nossa obediência a Ele. Ele não é limitado em Sua capacidade de nos abençoar, mas precisamos convidar essas bênçãos exercendo fé para fazer o que Ele deseja de nós.

Mais tarde, liguei para minha noiva, Priscilla, para conversarmos sobre nossos planos para o casamento. A despeito da falta de dinheiro, decidimos escolher uma data para nosso casamento, mas não conseguimos decidir uma data específica. Concordamos que deveríamos perguntar ao bispo dela quais datas estariam livres no calendário da ala e da estaca. Dentre as datas que ele nos sugeriu, escolhemos 7 de setembro de 2014 — o que significava que mal teríamos sete semanas até o dia do casamento!

Minha noiva e eu tínhamos pouco tempo até nosso casamento, e ainda menos dinheiro, mas tínhamos algo mais importante: fé.

Priscilla perguntou: “*Obim* [que significa “meu coração” no idioma igbo], você tem um pouco de dinheiro? O tempo é curto”.

Respondi: “Não, mas tenho um pouco de fé”.

Ela riu e disse: “Está bem. Vamos jejuar e orar”. Parafrazeando 1 Néfi 3:7, ela prosseguiu, dizendo: “O Senhor vai preparar um meio para nós porque ordenou que nos casássemos”.

Em uma semana, recebi o pagamento de um trabalho que tinha feito alguns meses antes. Depois, Priscilla disse que queria iniciar um negócio para conseguir mais dinheiro. Com o dinheiro que recebi,

ela comprou bolsas femininas usadas e as revendeu. Depois de comprar alguns dos itens da lista que ela fez das coisas necessárias, ainda lhe restou mais que o dobro do dinheiro que eu lhe dera.



Durante esse tempo, não apareciam empregos para mim. Nenhuma das ofertas de serviço deu certo. Faltavam duas semanas e ainda havia coisas que precisávamos comprar. Minha noiva sugeriu que a data fosse adiada. Tudo o que eu disse foi: “Um milagre está a caminho”.

Faltando apenas dois dias para o nosso casamento, o milagre aconteceu: recebi o pagamento de um serviço que eu tinha feito mais de duas semanas antes. Eu também estava aprendendo que, com fé e trabalho árduo, o Senhor nos abençoa para cumprirmos nossas metas justas.

Fomos ao banco descontar o cheque e dali seguimos para o mercado a fim de comprar o restante das coisas necessárias, sob forte chuva, que vimos como a aprovação do céu para nosso ato de fé.

Menos de 24 horas depois, estávamos casados. Quando nos foi pedido que trocássemos nossos votos, o sentimento foi incomparável a qualquer coisa que eu já havia sentido na vida. Senti-me tão realizado que acreditava que poderia fazer todas as coisas por meio da fé a partir daquele ponto. Mais tarde, fomos selados no Templo de Acra Gana.

Embora você talvez necessite de *algum* dinheiro para se preparar para o casamento, a coisa mais importante que precisa ter é fé. ■

O autor mora na região de Ashanti, Gana.

“Se eu sentir que estou perdendo a fé, o que posso fazer para readquiri-la?”



“Um dos propósitos da Igreja é nutrir e cultivar a semente da fé, mesmo que às vezes seja no solo arenoso da dúvida e da incerteza. (...)”

Duvidem de suas dúvidas antes de duvidarem de sua fé.”

Élder Dieter F. Uchtdorf, do Quórum dos Doze Apóstolos, “Venham, juntem-se a nós”, Conferência Geral de Outubro de 2013.



Estude as escrituras

Se sinto dificuldade em sentir o Espírito, ajuda muito ler as escrituras e ver a fé que todos

tinham. Isso me dá fé. Talvez suas orações tenham sido curtas demais. Tente fazê-las de modo mais sincero, e o Pai Celestial vai ajudá-lo a readquirir sua fé.

Chris B., 14 anos, Oregon, EUA



Nutra a semente da fé

Sei que posso orar ao Pai e Lhe pedir que me ajude a manter a planta da fé que estou

cultivando. Preciso fazer as coisas necessárias para nutri-la, como ler as escrituras, procurar ter experiências espirituais, contar minhas bênçãos e pedir ajuda a meus familiares. Desse modo, minha fé pode começar a crescer de novo. Não acontecerá de um dia para o outro — é um processo demorado. Preciso ter paciência e confiar no Senhor.

Elías B., 18 anos, Mendoza, Argentina



Descubram juntos

Quando sinto que estou perdendo a fé, converso com minha mãe e meu pai, e descobrimos juntos a solução. Às vezes cantamos um hino inspirador e depois podemos sentir o Espírito.

Emmalie C., 15 anos, Colorado, EUA

Pergunte a seus pais

Além de orar diretamente ao Pai Celestial, podemos perguntar a nossos pais como podemos voltar a Ele e recuperar nossa fé.

Elías S., 12 anos, Paysandú, Uruguai

Ore, peça ajuda e leia

Como já senti minha fé diminuir no passado, há três coisas que fiz para recuperá-la. Em primeiro lugar, orei. Orar pedindo forças e para saber o que fazer foi algo que funcionou muito bem. Em segundo lugar, contei a bons amigos o que estava acontecendo, e eles me ajudaram imensamente quando precisei. Em terceiro lugar, li as escrituras. Muitas delas se referem à fé e podem nos ajudar a readquiri-la.

Jack J., 14 anos, Flórida, EUA



Por que Deus permite a guerra?

A guerra fez parte da história da humanidade nesta Terra quase desde o princípio. Mas o Senhor, o Príncipe da Paz, não quer que travemos guerra uns contra os outros. Ele chora quando as pessoas fazem a escolha de não amar uns aos outros e quando “não têm afeição e odeiam seu próprio sangue” (Moisés 7:33), corrompendo a Terra por meio da violência (ver Gênesis 6:11-13). Aqueles cuja iniquidade faz com que haja guerra na Terra serão julgados por suas ações.

O Senhor ordenou que Seu povo “[renunciasse] à guerra e [proclamasse] a paz” (D&C 98:16). No entanto, quando as nações pegam em armas umas contra as outras, o Senhor também disse que às vezes estamos justificados em defender nossa família, nação e liberdade contra a destruição, a tirania e a opressão (ver Alma 43:47; Alma 46:12-13; D&C 134:11). E os santos dos últimos dias que servem nas forças armadas de sua respectiva nação estão seguindo o princípio de “submissão a reis, presidentes, governantes, e magistrados” (Regras de Fé 1:12).

Para mais informações sobre esse tema, ver Gordon B. Hinckley, “Guerra e paz”, Conferência Geral de Abril de 2003; “Guerra”, Tópicos do evangelho, topics.LDS.org.

As respostas são auxílios e pontos de vista, não pronunciamentos doutrinários oficiais da Igreja.

Próxima pergunta

“Como minha bênção patriarcal pode me ajudar a tomar decisões?”

Envie sua resposta e, se desejar, uma fotografia de alta resolução até 15 de maio de 2018, para lahona.LDS.org (clique em “Enviar um artigo”).

As respostas podem ser editadas por motivo de espaço ou clareza.



OR

Sigam o exemplo de Joseph Smith e o padrão da Restauração.

AÇÃO



Élder Robert D. Hales (1932–2017)

Do Quórum dos Doze Apóstolos

A CHAVE DO TESTEMUNHO E DA RESTAURAÇÃO

Nós, os líderes da Igreja, sempre ouvimos esta pergunta: “Como posso receber um testemunho do evangelho restaurado de Jesus Cristo?”

O processo de receber um testemunho e se converter se inicia com o estudo e a oração, e continua quando vivemos o evangelho com paciência e persistência, invocando o Espírito e tendo confiança Nele. A vida de Joseph Smith e o padrão da Restauração são excelentes exemplos desse processo. [À medida que eu] relatar os acontecimentos da Restauração, (...) procurem identificar os passos que conduzem ao testemunho. (...)



*Voltem-se para as escrituras.
Ajoelhem-se em oração.
Peçam com fé.
Escutem o Espírito Santo.*



Grande confusão

Joseph Smith nasceu em 23 de dezembro de 1805, em Sharon, Vermont, EUA, em uma família que costumava orar e estudar a Bíblia. Em sua juventude, interessou-se pela religião e percebeu que havia uma “grande confusão” a respeito das doutrinas de Cristo, com “sacerdote contendendo com sacerdote e converso com converso” (Joseph Smith—História 1:6).

Essa confusão (...) teve início séculos antes, no período denominado Grande Apostasia. O dia de Cristo “não virá”, disse o apóstolo Paulo, “sem que antes venha a apostasia” (2 Tessalonicenses 2:3).

Algumas décadas após a Ressurreição de Cristo, Seus apóstolos foram mortos, Seus ensinamentos foram corrompidos e o sacerdócio foi retirado da Terra. Mas Paulo, ao ver nossos dias, profetizou que Deus “na dispensação da plenitude dos tempos, [tornaria] a congregar em Cristo todas as coisas” (Efésios 1:10). O Pai restauraria mais uma vez sobre a Terra a verdadeira Igreja de Cristo. (...)

Joseph encontra uma resposta

Joseph Smith (...), aos 14 anos, viu-se em meio a uma “divergência de opiniões [religiosas]”. Frequentemente, perguntava-se: “Se [alguma dessas igrejas] é [correta], qual é, e como poderei sabê-lo?” (Joseph Smith—História 1:10.)

Joseph se voltou para a Bíblia em busca de respostas. “E se algum de vós tem falta de sabedoria”, leu na epístola de Tiago, “peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, sem repreensão, e

ser-lhe-á dada” (Tiago 1:5).

Seguindo a orientação de Tiago, Joseph se dirigiu a um bosque próximo à sua casa e orou. Ao iniciar sua oração a Deus, “um pilar de luz (...) [desceu] gradualmente”, mais brilhante que o sol do meio-dia e “dois Personagens” apareceram a ele. “Um Deles [falou, chamando Joseph] pelo nome, e disse, apontando para o outro: *Este é Meu Filho Amado. Ouve-O!*” (Joseph Smith—História 1:16–17.)

Deus, o Pai, e Seu Filho, Jesus Cristo, conversaram com Joseph. Responderam à sua pergunta. Ensinar-lhe que a verdadeira Igreja de Cristo fora tirada da Terra. Joseph soube que aqueles membros da Deidade eram seres separados e distintos, que Eles o conheciam pelo nome e que estavam desejosos de responder às suas orações. Os céus se abriram, a noite da apostasia terminou e a luz do evangelho começou finalmente a brilhar.

Assim como Joseph, muitos de nós buscamos a luz da verdade. (...) Como Joseph, precisamos examinar as escrituras e orar.

Morôni e as placas de ouro

Nos três anos que se seguiram à Primeira Visão, Joseph [disse que muitas

vezes se sentiu desanimado por causa de suas fraquezas e imperfeições]. Mas ele não perdeu a fé nem esqueceu o poder da oração.

Em 21 de setembro de 1823, aos 17 anos de idade, [Joseph] se ajoelhou para “pedir perdão por todos os [seus] pecados e (...) saber qual era o [seu] estado (...) perante [Deus]” (ver Joseph Smith—História 1:29). Ao orar, (...) uma luz surgiu em seu quarto e continuou a aumentar “até o aposento ficar mais iluminado do que ao meio-dia” (versículo 30). Nessa luz, apareceu um personagem em pé, vestido em uma túnica “da mais rara brancura” (versículo 31). Ele chamou Joseph pelo nome e se apresentou como Morôni. Disse que “Deus tinha uma obra a ser executada [por Joseph]” e lhe falou de um antigo registro “escrito em placas de ouro”, que, depois de traduzido, tornou-se o Livro de Mórmon. O livro continha um registro da plenitude do evangelho (ver os versículos 33–34). (...) Joseph foi conduzido (...) àquele registro, que estava enterrado (...) [em um] monte próximo (...) [chamado] Cumora.

No dia seguinte, Joseph encontrou as placas, mas não havia chegado ainda o momento de retirá-las de onde estavam. Morôni instruiu Joseph a encontrá-lo naquele mesmo lugar, no mesmo dia, nos quatro anos seguintes (ver os versículos 52–53). Joseph obedeceu. A cada ano, dirigia-se ao monte onde Morôni lhe dava “instruções” (versículo 54) a respeito da Restauração da Igreja de Cristo. (...)

Joseph recebeu as placas em 22 de setembro de 1827, aos 21 anos de idade. Também recebeu um instrumento antigo para traduzi-las, chamado Urim e Tumim. Utilizando esse intérprete sagrado, com o Espírito Santo, Joseph começou o trabalho de tradução. (...)

O desdobrar da Restauração

Aos 23 anos de idade, Joseph estava traduzindo as placas, quando ele e [seu escrevente] Oliver [Cowdery] chegaram a uma passagem a respeito do batismo para a remissão dos pecados. (...) Sentiram o desejo de saber mais. Joseph sabia o que fazer.

Em 15 de maio de 1829, os dois homens se dirigiram ao bosque para perguntar ao Senhor. Enquanto oravam, João Batista apareceu a eles, em uma “nuvem de luz” (Joseph Smith—História 1:68). [Ele] havia batizado o Salvador em vida [e] possuía as chaves do sacerdócio necessárias para a realização da ordenança, pela autoridade de Deus.

João (...) impôs as mãos sobre [a] cabeça [de Joseph e depois sobre a de Oliver] e conferiu [a cada um deles] o Sacerdócio Aarônico (ver D&C 13; Joseph Smith—História 1:68–69). (...) No final de maio ou início de junho de 1829, o Sacerdócio de Melquisedeque, ou sacerdócio maior, foi conferido a Joseph e Oliver pelos apóstolos Pedro, Tiago e João.

A tradução do Livro de Mórmon foi concluída em

junho daquele ano, e o livro foi publicado em 26 de março de 1830. (...) [Alguns] dias depois (...), em 6 de abril, a Igreja foi organizada formalmente. (...) Como havia sido profetizado por Paulo, a antiga Igreja de Cristo estava novamente estabelecida na Terra.

Mas a obra da Restauração ainda não estava terminada. [O Templo de Kirtland, o primeiro templo construído nesta dispensação,] foi dedicado (...) em 27 de março de 1836. Uma semana depois, em 3 de abril, foi realizada uma reunião ali. Após uma oração solene e tranquila, (...) o Senhor Jesus Cristo [apareceu a Joseph e Oliver]. (...) Moisés, Elias e Elias, o profeta, também apareceram [no Templo de Kirtland] e [deram as chaves do sacerdócio] a Joseph (ver D&C 110).

Um padrão para seguirmos

Irmãos e irmãs, será que vemos o padrão? Todo acontecimento importante da Restauração — a Primeira Visão, a aparição de Morôni e o

surgimento do Livro de Mórmon, a restauração do sacerdócio e a aparição de Jesus Cristo [em] Seu templo sagrado — foi precedido de oração. (...)

Senti [muitas vezes] o inegável testemunho do Santo Espírito de Deus, como um fogo queimando em meu peito, de que o evangelho restaurado é verdadeiro. (...) [Se ainda não sabem essas coisas por si mesmos], gostaria de lhes sugerir que aceitassem o convite feito por Morôni no Livro de Mórmon: “E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo. E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas” (Morôni 10:4–5).

(...) Sigam o exemplo de Joseph Smith e o padrão da Restauração. Voltem-se para as escrituras. Ajoelhem-se em oração. Peçam

com fé. Escutem o Espírito Santo. (...) E em nome de Jesus Cristo prometo que, “se pedirdes [ao Pai Celestial] com fé, acreditando que recebereis, guardando diligentemente os (...) mandamentos [do Senhor], certamente estas coisas vos serão dadas a conhecer” (1 Néfi 15:11). ■

Extraído de um discurso da Conferência Geral de Outubro de 2003.



O QUE, POR QUE e COMO:

UMA ANÁLISE DA RESTAURAÇÃO

DISPENSAÇÃO

Faith Sutherlin Blackhurst

Revistas da Igreja

Digamos que você esteja em uma viagem de uma semana na praia com a família de seus amigos. Divertiram-se muito, mas você está começando a ter saudades de sua própria família. Então, seu pai lhe envia uma mensagem de texto para ver como estão as coisas — exatamente aquilo de que você precisava para se sentir amado e lembrado.

A vida na Terra se assemelha um pouco com isso. Deus não nos envia mensagens de texto, mas estamos longe de nosso lar celeste, por isso um dos meios pelos quais o Pai Celestial comunica Seu amor por nós é enviando profetas.

Os profetas lideram o que são chamadas de *dispensações*, que são períodos em que (1) Deus tem um líder autorizado do sacerdócio na Terra e (2) esse líder, um profeta, toma conhecimento do plano de salvação diretamente de Deus. O profeta então ensina, ou *dispensa*, o evangelho ao povo.

Graças às escrituras, sabemos algo a respeito de muitas das dispensações. Algumas importantes foram as de Adão, Enoque, Noé, Abraão, Moisés, Jesus Cristo e Joseph Smith. O Senhor deu início a uma dispensação por intermédio de cada um desses profetas.



ILUSTRAÇÕES: BEN SIMONSEN

Para ensinar o evangelho, você terá que explicar o que são a apostasia, as dispensações e a Restauração. Este gráfico pode ajudar.



APOSTASIA

Apostasia = iniquidade. Quando uma pessoa ou um grupo de pessoas se afasta das verdades do evangelho de Jesus Cristo, rejeita os profetas e cai em pecado, essas pessoas estão em apostasia.

RESTAURAÇÃO

Restauração é o ato de devolver algo a sua condição original. Não se trata de uma reforma, que altera alguma coisa existente para criar algo novo. Se você quiser, por exemplo, restaurar uma casa antiga, vai reconstruí-la com a mesma planta e projeto que ela tinha antigamente. Pode ser que deseje acrescentar uma nova lareira, mas então estaria reformando a casa, e não restaurando.



O evangelho de Jesus Cristo precisava ser restaurado porque havia sido perdido durante a Grande Apostasia. As pessoas tinham vivido por séculos sem a Igreja verdadeira. Por isso o Senhor *restaurou* Sua Igreja e Seu evangelho por intermédio de Joseph Smith, assim como os antigos profetas haviam profetizado (ver Isaías 2:1-3; 29:13-14; Atos 3:19-21; Apocalipse 14:6-7; 2 Néfi 3:3-15).

O verdadeiro evangelho de Jesus Cristo está aqui para permanecer — e você, vai permanecer nele? Mesmo que o mundo fique cada vez mais iníquo, a Igreja de Jesus Cristo vai continuar até o fim.

Você tem que fazer uma escolha — a mesma que os mortais tiveram que fazer desde o princípio dos tempos: Você vai seguir o profeta? Se fizer isso, será abençoado e terá o Espírito para guiá-lo.



ADÃO

Adão foi um verdadeiro pioneiro: foi o primeiro homem na Terra e o primeiro profeta! Ele ensinou o evangelho a sua família, porém mesmo no princípio muitos “[buscaram] seus próprios conselhos nas trevas” e rejeitaram a verdade (Moisés 6:28).



ENOQUE

Já ouviu falar que toda uma cidade foi levada para o céu? Ora, a cidade de Sião – estabelecida por Enoque – era tão justa que as pessoas foram morar com Deus (ver Moisés 7:23).



NOÉ

Você conhece a história da arca de Noé. Só oito pessoas – a família de Noé – sobreviveram ao Dilúvio por darem ouvidos às advertências de Noé (ver Gênesis 7; Moisés 8). Mas você sabia que ele recebeu o sacerdócio quando tinha 10 anos de idade (ver D&C 107:52) e que “gigantes (...) procuraram Noé para tirar-lhe a vida”? (Moisés 8:18.)



ABRAÃO

Abraão quase foi sacrificado por sacerdotes iníquos, mas um anjo o salvou (ver Abraão 1). Ele teve algumas revelações incríveis, inclusive uma visão da vida pré-mortal. Os membros da Igreja são seus descendentes, e o convênio abraâmico tem esse nome por causa dele (ver Abraão 2-5).



MOISÉS

Moisés conduziu os israelitas para fora do Egito e os ajudou a conquistar a liberdade. Ele “procurou diligentemente santificar seu povo para que contemplassem a face de Deus; eles, porém, endureceram o coração e não puderam suportar sua presença” (D&C 84:23-24). De fato, por causa da apostasia deles, tiveram que vagar pelo deserto por 40 anos!



CABEÇAS DAS DISPENSAÇÕES

Esses profetas foram chamados por Deus “por causa de sua grande fé e suas boas obras” (Alma 13:3; ver também Abraão 3:22-23). As chaves do sacerdócio que eles possuíam foram restauradas ao profeta Joseph Smith. Aqui estão algumas coisas interessantes sobre esses profetas. Veja o que mais você pode aprender sobre eles ao estudar as escrituras.



JESUS CRISTO

Jesus Cristo não apenas ensinou o evangelho e realizou muitos milagres, mas também estabeleceu Sua Igreja na Terra. Expiou nossos pecados, foi crucificado e ressuscitou para permitir que vencêssemos a morte espiritual e a morte física. Ele é o Cabeça de Sua Igreja hoje em dia, e Ele e o Pai Celestial são a fonte da autoridade do sacerdócio.



A GRANDE APOSTASIA

Depois da Ressurreição do Salvador, Seus apóstolos e outros líderes da Igreja tentaram divulgar o evangelho, mas as pessoas rejeitaram seus ensinamentos e até mataram a maioria dos apóstolos. Devido à iniquidade das pessoas, a plenitude do evangelho foi perdida na Terra. O mundo caiu em trevas espirituais (ver Isaías 60:2).

- Por mais de mil anos, as pessoas não tiveram acesso às ordenanças de salvação, às bênçãos do templo ou à orientação de um profeta.
- Verdades preciosas foram perdidas da Bíblia.
- Ideias falsas foram ensinadas sobre a verdadeira natureza de Deus.
- Algumas ordenanças de salvação foram alteradas ou ensinadas incorretamente (ver Isaías 24:5).
- Essa apostasia acabou levando ao surgimento de muitas igrejas.



A REFORMA

Durante a Grande Apostasia, algumas pessoas religiosas da Europa perceberam que o evangelho de Jesus Cristo não estava sendo ensinado corretamente. Esses reformadores não eram profetas, mas fizeram o melhor que puderam para ensinar a verdade conforme a entendiam. Ajudaram a tornar a Bíblia acessível a mais pessoas. Muitos lutaram pela liberdade religiosa e abriram caminho para a Restauração do evangelho.

JOSEPH SMITH

Então a plenitude do evangelho se perdeu para sempre? Não! Deus revelou importantes verdades a Joseph Smith novamente. Mensageiros celestes restauraram a ele todas as chaves do sacerdócio necessárias (ver D&C 27:8-13; 110; 128:18-21), tornando esta a “dispensação da plenitude dos tempos” (D&C 138:48). Esta época também é conhecida como os últimos dias porque é a última dispensação antes da Segunda Vinda de Jesus Cristo.

Você
está aqui

A RESTAURAÇÃO

Adivinhe! VOCÊ tem as bênçãos da Restauração. Sim, você!

- A Igreja de Jesus Cristo foi restaurada com um profeta e apóstolos para liderá-la.
- O Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, Pérola de Grande Valor e outras revelações modernas restauraram verdades preciosas que haviam sido perdidas (ver 2 Néfi 27).
- Joseph Smith recebeu o Sacerdócio Aarônico de João Batista (ver D&C 13) e o Sacerdócio de Melquisedeque dos apóstolos Pedro, Tiago e João (ver D&C 128:20).
- Os portadores do sacerdócio autorizados realizam devidamente as ordenanças de salvação.
- E sabemos que a verdade jamais será perdida novamente por meio de uma apostasia (ver Daniel 2:44). ■



Ao aprender a respeito de Jesus Cristo, você convida Sua paz e Sua presença para sua vida.

Sarah Hanson

Imagine ler *tudo* a respeito do Salvador que se encontra nas escrituras — a Bíblia Sagrada, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. Precisaria de muito tempo e trabalho! Mas, em janeiro de 2017, o presidente Russell M. Nelson lançou um desafio para que fizéssemos justamente isso — estudar tudo o que Jesus disse e fez nas obras-padrão. O presidente Nelson disse que o fato de ter concluído o projeto o tornou “um homem diferente”. Ele não apenas aprendeu mais sobre Jesus Cristo, mas também sentiu renovada devoção por Ele.¹

Você também pode se aproximar mais de Cristo ao aprender a respeito Dele. O estudo da vida e do propósito Dele convida Sua paz para sua vida e o ajuda a conhecer a Ele e ao Pai Celestial. Veja como estes jovens responderam a estas duas perguntas: (1) Qual é sua história favorita das escrituras sobre o Salvador e por quê? (2) Como seu estudo do evangelho lhe proporcionou paz?

CONHEÇA O SALVADOR

Gosto da história dos dez leprosos porque Cristo expressou imenso amor para o leproso que voltou para agradecer a Ele. Cristo disse: “Tua fé te salvou” (Lucas 17:19; ver versículos 11-19). Aprecio muito a genuína bondade que Ele demonstra para com todos.

Devido a algumas tragédias recentes ocorridas em minha escola, todos ali estão precisando de muita paz e consolo. Encontrei forças e paz em meus estudos no seminário. Os professores do seminário fazem com que as escrituras e o evangelho se tornem bem personalizados para todos. É muito agradável ver o contraste entre uma sala de aula do seminário e uma sala de aula normal. Ali há realmente um sentimento diferente que nos proporciona paz.

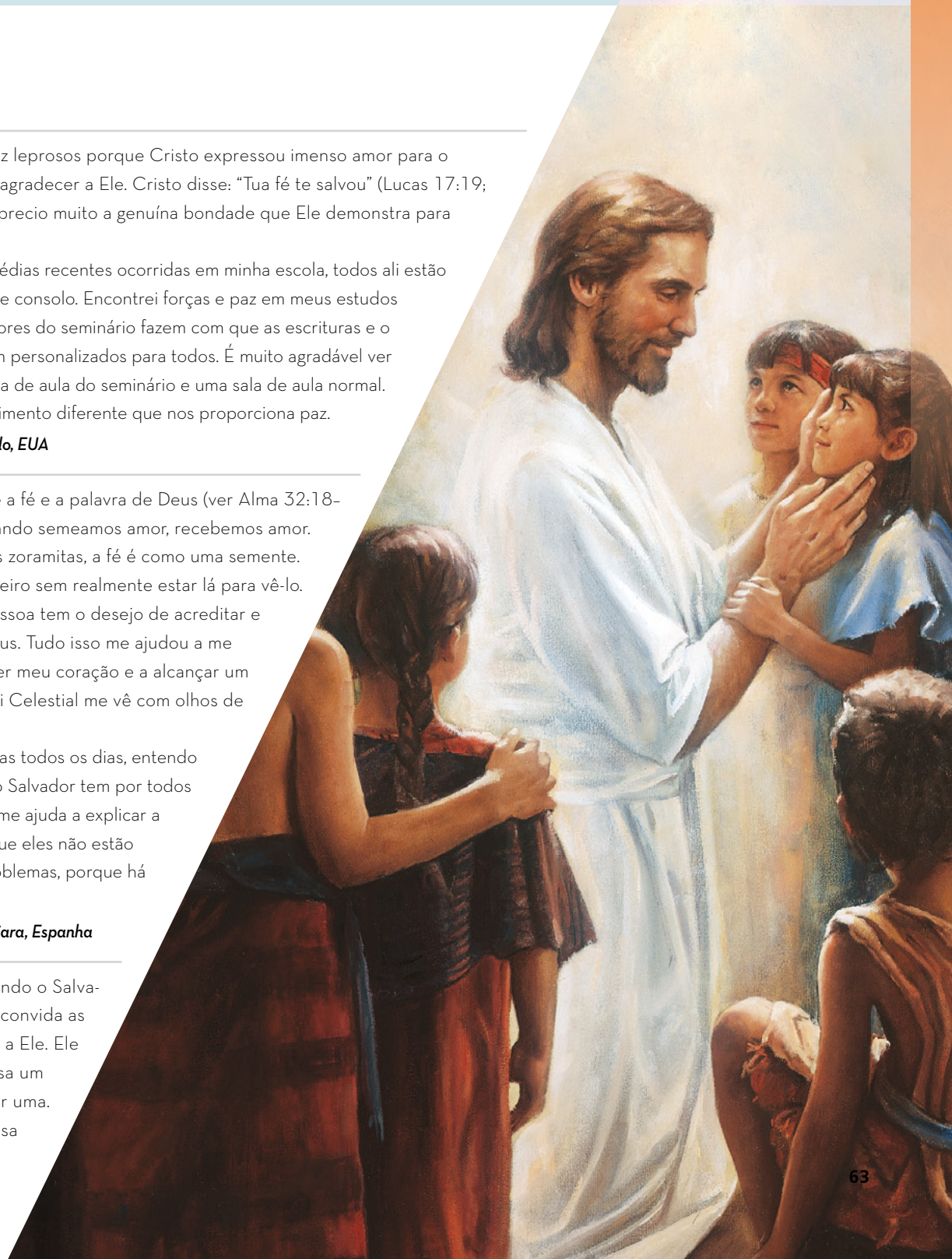
Gabriel S., 16 anos, Colorado, EUA

A história de Alma sobre a fé e a palavra de Deus (ver Alma 32:18-43) me ensinou que, quando semeamos amor, recebemos amor. Como Alma explicou aos zoramitas, a fé é como uma semente. É crer que algo é verdadeiro sem realmente estar lá para vê-lo. A fé cresce quando a pessoa tem o desejo de acreditar e de ouvir a palavra de Deus. Tudo isso me ajudou a me manter calma, a fortalecer meu coração e a alcançar um testemunho de que o Pai Celestial me vê com olhos de amor e misericórdia.

Ao estudar as escrituras todos os dias, entendo melhor o amor que nosso Salvador tem por todos nós. Esse conhecimento me ajuda a explicar a meus amigos da escola que eles não estão sozinhos quando têm problemas, porque há um Deus que nos ama.

Maria D., 17 anos, Guadalajara, Espanha

Gosto de 3 Néfi 17, quando o Salvador visita as Américas e convida as crianças a se achegarem a Ele. Ele se senta com elas e passa um tempo com elas, uma por uma. É uma história maravilhosa





sobre Eles também. Isso me proporcionou muita paz em minha vida.

Anna C., 17 anos, Montana, EUA

Gosto muito de quando Cristo vem para as Américas, pergunta se há doentes e aflitos entre eles e depois os cura. Em seguida, Ele abençoa as criancinhas (ver 3 Néfi 17). Acho uma história realmente muito bonita e marcante. Gosto de criancinhas e gosto quando as pessoas lhes dão mais amor, porque elas são muito puras. A história me mostra a profundidade do amor que o Salvador tem por nós. Como Ele amava as pessoas naquela época a ponto de fazer tudo o que fez, pode nos amar hoje também.

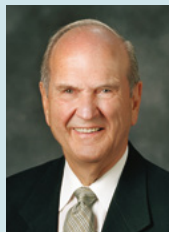
Isaías 53:3 diz que o Salvador é “homem de dores, e experimentado em padecimentos”. Quando penso na Expição de Cristo, no que Ele passou por nós e em como posso ser perdoada quando me arrependo de meus pecados, sinto-me realmente em paz. Muitas pessoas do Livro de Mórmon – os filhos de Mosias, Amon e Alma, o Filho – cometeram erros no passado, mas puderam ser perdoadas. Voltaram-se para Cristo, arrependeram-se e se tornaram exemplos maravilhosos com os quais podemos aprender hoje. Para mim é consolador saber que também posso ser perdoada.

Alina T., 18 anos, Oregon, EUA

Minha história favorita das escrituras sobre Jesus é quando Ele transformou a água em vinho em um casamento, a pedido de Sua mãe (ver João 2:1-11). Essa é minha história favorita porque mostra o respeito que Jesus tinha pelas mulheres e por Sua mãe, em especial. Essa história incentiva os filhos a obedecerem aos pais, não por medo, mas por imenso amor. O exemplo de Jesus Cristo é aquilo pelo qual todos devem se esforçar. Seu amor por Sua mãe nunca cessou, tampouco deve o nosso por nossos pais. Também é minha passagem favorita porque Seu milagre é um ato de serviço, e também podemos criar milagres ajudando as pessoas.

para mim, mostrando quem é Jesus e quanto amor Ele tem por todos nós. Creio que Ele vai Se sentar com cada um de nós também quando precisarmos de Sua ajuda.

Este ano, eu me desafiei a ler uma página das escrituras todos os dias. Ao fazer isso, passei a ansiar por essa leitura a cada dia. Aprendi muito com as palavras e as histórias que se encontram nas escrituras ao tentar reservar um tempo para entendê-las e me aproximei mais de meu Pai Celestial e do Salvador ao aprender



MANTER O FOCO EM JESUS

“Nosso foco deve estar firmemente voltado para o Salvador e Seu evangelho. É necessário muito esforço mental para buscar o Salvador em cada pensamento. Mas, quando nos esforçamos, nossas dúvidas e nossos temores se vão.”

Presidente Russell M. Nelson, “Invocando o poder de Jesus Cristo em nossa vida”, Conferência Geral de Abril de 2017.

Essa história e outras que estão nas escrituras me proporcionaram paz. É muito consolador saber que, se eu sempre tentar aprender com Cristo e seguir Seus ensinamentos, vou poder voltar à presença de nosso amoroso Pai Celestial um dia.

Anne R., 17 anos, Victoria, Austrália

Aprecio muito a história de Cristo e o jovem rico (ver Marcos 10:17-22). Ela me dá muito entendimento e perspectiva a respeito de priorizar Deus acima de todas as coisas. É muito difícil para qualquer pessoa receber o pedido de vender todas as posses terrenas. Mas acho que a disposição de colocar Deus acima das posses é uma das coisas que cada um de nós tem que aprender. O amor infinito de Jesus Cristo por nós é verdadeiramente espetacular. É definitivamente melhor do que qualquer valor em dinheiro ou pertences que adquirimos nesta vida.

A leitura das escrituras me proporciona paz e consolo e também maior sabedoria e entendimento. Embora eu nem sempre sinta o poder do estudo das escrituras de imediato, sei que a leitura das escrituras influencia positivamente minha vida e me ajuda a sentir o Espírito e reconhecer Seus sussurros.

Yuzhen C., 19 anos, Taichung, Taiwan

Quando Cristo está indo ver a menina que está morrendo, uma mulher com fluxo de sangue simplesmente toca em Suas roupas e é curada. Cristo Se vira e conversa com ela ao perceber que ela O tocou (ver Lucas 8:43-48). Apesar de estar indo ajudar outra pessoa, Cristo dedicou um tempo a ela também. Cristo tem tempo para todos nós igualmente.

Tenho uma vida atarefadíssima, correndo da escola para o curso de balé ou outras atividades. Durante tudo isso, não tenho tempo para ficar sozinha ou para me sentir em paz. Quando leio as escrituras ou faço uma oração, realmente sinto paz. É muito bom me sentir assim e ter uma pausa de toda a loucura. Nesses momentos

de paz, sinto-me mais próxima do Salvador e me desenvolvo no evangelho. ■

Zoe B., 17 anos, Utah, EUA









A autora mora em Utah, EUA.

NOTA

1. Ver Russell M. Nelson, “Profetas, liderança e lei divina”, devocional mundial para jovens adultos, 8 de janeiro de 2017, broadcasts.LDS.org; “Invocando o poder de Jesus Cristo em nossa vida”, Conferência Geral de Abril de 2017; “Estudar as palavras do Salvador”, *Liahona*, janeiro de 2018, p. 56.

O que a Restauração significa para mim

A Restauração da Igreja começou quando o Pai Celestial e Jesus Cristo visitaram Joseph Smith em 1820. Depois disso, outras coisas importantes aconteceram para trazer a Igreja de Jesus Cristo de volta à Terra. Leia estes cartões, recorte-os, cole-os em cartolina e dispute um jogo de encontrar o par.

	<p>O Pai Celestial e Jesus Cristo apareceram a Joseph Smith...</p>		<p>... por isso sei que Eles têm um corpo como eu!</p>
	<p>Joseph Smith traduziu as placas de ouro...</p>		<p>... por isso posso ler o Livro de Mórmon!</p>
	<p>João Batista conferiu o Sacerdócio Aarônico a Joseph Smith e Oliver Cowdery...</p>		<p>... por isso posso ser batizado em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias!</p>
	<p>Pedro, Tiago e João restauraram o Sacerdócio de Melquisedeque...</p>		<p>... por isso posso ter o dom do Espírito Santo!</p>



A Igreja foi organizada em 6 de abril de 1830...



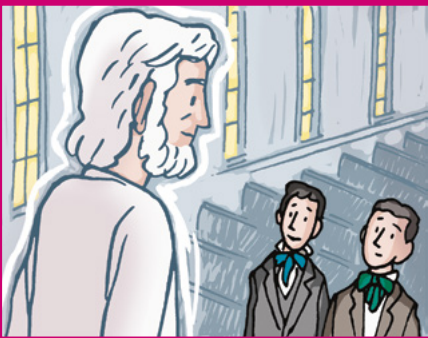
... por isso posso ir à igreja!



Emma Smith compilou hinos para o primeiro hinário da Igreja...



... por isso posso cantar os hinos!



No Templo de Kirtland, Elias deu a Joseph Smith as chaves para selar famílias...



... por isso posso realizar o trabalho de história da família e ir ao templo!



O Senhor ordenou aos primeiros santos que pagassem um dízimo de 10 por cento...



... por isso posso doar o dízimo e as ofertas de jejum!



Aurelia Rogers deu início à Associação Primária para ensinar as crianças de sua vizinhança...



... por isso posso ir à Primária!



“Como um de Seus servos, declaro meu testemunho de que Jesus é o Cristo, nosso Redentor e nosso Salvador. Sei que Ele vive e que Suas ternas misericórdias estão ao alcance de todos nós.”

Élder David A. Bednar

Do Quórum dos Doze Apóstolos

Extraído de “As ternas misericórdias do Senhor”, A Liahona, maio de 2005, p. 102.



**Élder
Valeri V. Cordón**
Dos Setenta

Uma lição incrível



“[Vou] (...) abrir as janelas do céu, e (...) derramar sobre vós uma bênção” (Malaquias 3:10).

Na minha infância e juventude na Guatemala, minha família tinha uma fábrica que confeccionava uniformes esportivos.

Meu pai queria que as crianças da família aprendessem a ser trabalhadores. Nós o ajudávamos na fábrica. Eu criava muitos problemas quando era pequeno. Parecia que eu sempre estava quebrando coisas! Mas, quando fiquei mais velho, meu pai me deixou tomar conta das máquinas de costura.

Ele nos pagava pelo trabalho que fazíamos. Depois, perguntava: “O que você vai fazer com seu dinheiro?” Eu sabia que a resposta era: “Pagar meu dízimo e guardar dinheiro para a missão”.

Quando eu tinha uns 13 anos, nossa empresa perdeu muito dinheiro. Tivemos que vender muitas de nossas máquinas de costura. Em vez de 200 empregados, tínhamos menos de cinco. Trabalhavam na garagem de casa.

Sempre paguei meu dízimo, mas no fundo não entendia a importância disso. Então, aprendi uma lição incrível. Em uma manhã de sábado, ouvi meus pais conversando baixinho. Meu pai disse à minha mãe que só havia dinheiro suficiente para pagar o dízimo ou para comprar comida. Não havia o bastante para as duas coisas. Fiquei muito preocupado. O que meu pai ia fazer?

No domingo, vi meu pai entregar um envelope para nosso presidente do ramo. Ele havia decidido pagar o dízimo! Fiquei feliz com isso, mas também preocupado. O que íamos comer?

Na manhã seguinte, alguém bateu à nossa porta. Disseram a meu pai que precisavam de uniformes imediatamente. Geralmente as pessoas pagavam depois que o trabalho estava terminado. Mas aquelas pessoas pagaram meu pai no mesmo dia, antes mesmo de termos feito os uniformes!

Em um fim de semana, aprendi uma bela lição que durou por toda a vida. A lei do dízimo nos ajuda a edificar a fé e mostrar gratidão ao Pai Celestial. Pagar o dízimo é uma bênção! ■

A sapataria do abuelo

Ray Goldrup

Inspirado em uma história verídica

Miguel abriu a porta da sapataria de seu abuelo (seu avô). Sentiu o cheiro do couro com que o abuelo trabalhava. Era um de seus cheiros favoritos.

“Oi, abuelo!”

O abuelo estava ajoelhado no chão, riscando o contorno do pé de um cliente em uma folha de papel. Não ergueu o rosto. O abuelo não escutava muito bem.

Miguel se sentou em um banquinho de sapateiro e ficou olhando para as pilhas de couro cortado. Imaginou o que o abuelo faria com cada uma delas, usando seu martelo e seus alicates.

As ferramentas fizeram Miguel se lembrar de outra coisa que ele adorava. O abuelo sempre lhe dava um doce quando Miguel ajudava na limpeza.

Mas Miguel estava com fome naquela hora! Ele sabia que não devia pegar um doce sem pedir, mas lhe pareceu que o abuelo ficaria ocupado por muito tempo.

“Talvez eu não tenha que esperar”, pensou Miguel.

Estendeu a mão por baixo do balcão, procurando o jarro de doces. Estava cheio de sua guloseima favorita: bem doce e picante com pimenta chili em pó! Ao abri-lo, Miguel se sentiu um pouco culpado. Mas os doces pareciam deliciosos. Apressou-se e pôs um deles na boca.

Pouco depois, o cliente saiu. O abuelo pegou um pedaço de couro e o molhou na água. Isso ajudava a manter o couro macio e mais fácil de trabalhar.



“Sabe, precisamos ser mais como este sapato”, disse o abuelo.



Miguel engoliu o resto do doce o mais rápido que pôde. Depois, aproximou-se do abuelo.

“Oi!”, disse o abuelo, com um sorriso. “Que bom que veio me ver.”

Miguel abraçou o abuelo. Esperava que o abuelo não percebesse que ele comera um doce. Miguel afastou rapidamente a preocupação.

“Parece atarefado hoje”, disse Miguel, apontando para a pilha de pedaços de couro. “Precisa de ajuda?”

“Claro! Pode me passar aquele fio?”

Miguel estendeu a mão para pegar um fio bem comprido. Puxou-o nas mãos. Era mais forte do que parecia.

“Uau, ele é forte.”

O abuelo deu uma risadinha. “Tem que ser para resistir ao desgaste da vida.” O abuelo passou o fio pelo couro. Depois, fez aquela cara que a mamá às vezes chama de olhar de “abuelo sabido”.

“Sabe, precisamos ser mais como este sapato”, comparou o abuelo, apontando com a cabeça.

Miguel concentrou o olhar no couro. “Hum. Precisamos, é?”

“Sim, precisamos. Temos que nos manter fortes. Desse modo, as tentações de Satanás não nos derrubarão.”

A lembrança do doce vermelho voltou rapidamente à mente de Miguel. Ele sabia que devia contar ao abuelo o que tinha feito.

O abuelo pegou um sapato velho na prateleira. “Está vendo este grande buraco?”

Era bem provável que coubesse a mão de Miguel no buraco. “Estou vendo.”

“Já foi um buraquinho que poderia ter sido facilmente consertado. Mas eles esperaram, e agora vai ser bem

mais difícil de consertar. Os maus hábitos e as más escolhas são como esse buraco. É melhor consertá-los cedo.”

O abuelo voltou a balançar a cabeça com aquele olhar de abuelo sabido e um sorriso. Continuaram conversando enquanto o abuelo trabalhava. O tempo todo, Miguel ficou pensando no doce vermelho.

Quando o abuelo terminou, Miguel ajudou na limpeza. Depois, o abuelo estendeu a mão para pegar o jarro de doces.

Por fim, Miguel não pôde mais se conter. “Peguei um dos seus doces!”, confessou ele.

O abuelo pôs o jarro de volta no lugar. “O que foi que você disse?”

Miguel contou que havia pegado o doce sem pedir. “Sinto muito, abuelo! Nunca mais vou fazer isso, prometo!”

O abuelo deu um grande abraço em Miguel. Miguel se sentiu *muito* melhor.

“Obrigado por ser honesto. Isso é mais importante do que tudo para mim.”

Ao caminhar para casa, Miguel se sentiu como um dos novos pares de sapatos do abuelo. O mais forte possível e pronto para a vida! ■

O autor mora em Utah, EUA.



UM BOM SENTIMENTO

Um dia, minha mãe e eu fomos pagar a conta de água de minha mãe, e o homem que estava à nossa frente derrubou muito dinheiro sem perceber. Corri e devolvi a ele. Ele agradeceu e disse que achava que nenhuma outra menina faria aquilo. Tive um sentimento muito bom depois disso. Sempre vou me lembrar dessa sensação agradável.

Brianna C., 9 anos, Idaho, EUA

Ouse ser BONDOSO!

Deixo minha luz brilhar sendo bondosa com as pessoas.

Olá!

Eu sou a Claudia e moro na Austrália.

O irmão de Claudia, Tyler

Defendo os outros

Um menino da minha classe tem dificuldade para aprender.

Fico do lado dele quando as pessoas caçoam dele e o ajudo na sala de aula quando ele precisa. Minha professora disse que este é o único ano em que ele sentiu que fazia parte da turma.



Meu ursinho

Quando o tio da minha professora morreu, ela ficou muito triste. Por ela não conhecer a Igreja, eu lhe disse que o Pai Celestial a ama. Fiz um cartão e expliquei que ela ia ver o tio novamente. Dei-lhe meu ursinho especial para ajudá-la a passar por aqueles momentos tristes.



Cantar e o Espírito Santo

Gosto de cantar hinos do livro *Músicas para Crianças*. Minha família diz que isso os ajuda a sentir o Espírito Santo. O Espírito Santo me faz sentir um calorzinho por dentro.

Amigas sortudas

Minha vizinha Olivia tem dificuldade para andar, para conversar e para ouvir. A mãe de Olivia disse que a filha é muito sortuda por ter amigas como eu. Também sou sortuda!



COMO VOCÊ PODE BRILHAR?

OUSE fazer amizade com alguém que não tem muitos amigos.

OUSE ajudar seu próximo.

OUSE convidar um amigo para ir à igreja.

OUSE cantar!

ENVIE-NOS UMA ESTRELA!

De que maneira você deixa sua luz brilhar, tal como Jesus pediu? Envie uma foto ou gravura de sua estrela com sua história, sua fotografia e a permissão de seus pais para liahona@LDSchurch.org





Sei que o Pai Celestial responde às Orações. Quando minha família morava na Alemanha, fomos a uma *Volksmarch* em nossa cidadezinha. *Volksmarch* é uma ocasião em que amigos e vizinhos desfrutam um tempo juntos em uma caminhada pela natureza. Meus pais me deixaram ir na frente do grupo com uma de minhas amigas, e começamos a percorrer a longa trilha.

Após alguns minutos, eu não conseguia ver ninguém da minha família. Eu disse à minha amiga que ia ficar na trilha e esperar por eles. Logo, eu não conseguia mais ver minha amiga nem a família dela, e meus pais ainda não tinham

chegado. Eu estava sozinho na floresta e fiquei com medo. Decidi fazer uma oração para que alguém me encontrasse.

Em outra parte da floresta, meu pai sentiu o Espírito Santo lhe sussurrar: “Vá procurar seu filho”. Sentiu que eu precisava muito dele, por isso deu a volta e disse à minha mãe que ia me procurar. Poucos minutos depois, meu pai chegou correndo pela trilha ao lugar onde eu estava esperando e me encontrou. Fiquei muito feliz ao vê-lo! Quando ele me contou que tivera um forte sentimento de que eu precisava de ajuda, eu soube que o Pai Celestial tinha respondido a minha oração.

Fico muito feliz por saber que, onde quer que eu esteja, posso conversar com o Pai Celestial. Ele vai me ajudar a encontrar meu caminho. ■

Perdido e achado



NOSSA PÁGINA



Eu estava nervoso no meu batismo, mas, quando entrei na água, senti-me cheio de alegria e felicidade.

Thomas B., 8 anos, Uruguai



Viajamos de Camboja para o Templo de Hong Kong China a fim de que minha irmãzinha Laura fosse selada a nossa família. Senti o Espírito naquele lugar especial.

Rosa P., 9 anos, Camboja



Um dia, na sala de aula, eu estava lendo em silêncio enquanto todos disputavam jogos de tabuleiro. Quando o sinal tocou, eles colocaram os jogos de volta na prateleira e deixaram tudo fora de ordem. Decidi arrumar tudo, e logo todos os outros começaram a ajudar. Deixei minha luz brilhar sendo um bom exemplo.

Winnie W., 10 anos, Canadá



Quando fiz 8 anos, meus avós e amigos vieram ao meu batismo. Meu pai me batizou e me confirmou. Mais tarde, doei 30 centímetros do meu cabelo para uma criança com câncer. Meu aniversário me deixou muito feliz!

Lavona R., 8 anos, Indonésia

José é vendido para o Egito

Kim Webb Reid

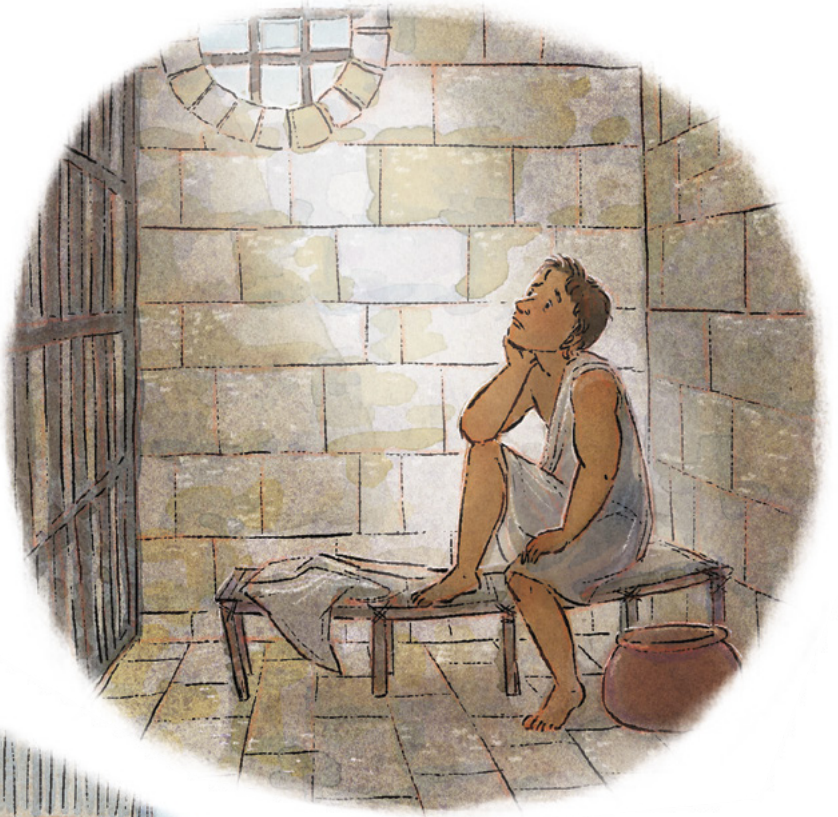


José tinha 11 irmãos. Seu pai lhe deu um belo manto colorido. Deus disse a José que ele seria o líder dos irmãos.



Os irmãos mais velhos de José ficaram zangados. Não queriam que José fosse seu líder! Eles o venderam para pessoas que iam para o Egito, e ele se tornou escravo.

José trabalhou com dedicação. Fez boas escolhas mesmo quando as pessoas mentiram a respeito dele e o puseram na prisão.



Mesmo nos momentos difíceis, José confiou em Deus. E Deus estava com José. José se tornou um líder no Egito! Quando ficou mais velho, ajudou a liderar sua família, tal como Deus dissera que ele faria.



Posso confiar em Deus como fez José. Posso escolher o que é certo. Deus vai estar comigo, não importa o que aconteça. ■

Extraído de Gênesis 37-41.

Jesus disse: “Vem, e segue-me”.





Élder D. Todd Christofferson

Do Quórum dos Doze Apóstolos

A REALIDADE DA RESSURREIÇÃO

Jesus Cristo é de fato o único nome ou caminho pelo qual a salvação pode vir à humanidade.

Pensem na importância da Ressurreição para resolver de uma vez por todas a questão da verdadeira identidade de Jesus de Nazaré e as grandes contendas e os questionamentos filosóficos da vida. Se Jesus literalmente ressuscitou, disso decorre necessariamente que Ele é um Ser divino. Nenhum mero mortal tem o poder em si mesmo de voltar à vida depois de morrer. Por Ele ter ressuscitado, Jesus não pode ter sido apenas um carpinteiro, um mestre, um rabino ou um profeta. Por Ele ter ressuscitado, Jesus tinha que ser um Deus, sim, o Filho Unigênito do Pai.

Portanto, o que Ele ensinou é verdade; Deus não pode mentir.

Portanto, Ele foi o Criador da Terra, como Ele disse.

Portanto, o céu e o inferno são reais, como Ele ensinou.

Portanto, há um mundo de espíritos que Ele visitou após Sua morte.



Portanto, Ele voltará, como os anjos disseram e “reinará pessoalmente na Terra” (Regras de Fé 1:10).

Portanto, haverá uma ressurreição e um Juízo Final para todos.

Tendo em vista a realidade da Ressurreição de Cristo, as dúvidas sobre a onipotência, a onisciência e a benevolência de Deus, o Pai — que deu Seu Filho Unigênito para redimir o mundo —, não têm fundamento. As dúvidas sobre o significado e o propósito da vida são infundadas. Jesus Cristo é de fato o único nome ou caminho pelo qual a salvação pode vir à humanidade. A graça de Cristo é real, concedendo perdão e purificação ao pecador arrependido. A fé realmente é mais do que imaginação

ou invenção psicológica. Há uma verdade sublime e universal, e há objetivo e padrões morais imutáveis, conforme Ele ensinou.

Devido à realidade da Ressurreição de Cristo, o arrependimento de qualquer violação de Sua lei ou de Seus mandamentos tanto é possível como é urgente. Os milagres do Salvador foram reais, tal como é real a promessa que fez a Seus discípulos de que eles poderiam fazer o mesmo, e até obras maiores. Seu sacerdócio é obrigatoriamente um poder real que “administra o evangelho e contém a chave dos mistérios do reino, sim, a chave do conhecimento de Deus. Portanto, em suas ordenanças manifesta-se o poder da divindade” (D&C 84:19–20). Tendo em vista a realidade da Ressurreição de Cristo, a morte não é nosso fim; e, embora “consumida a [nossa] pele, contudo ainda em [nossa] carne [veremos] a Deus” (Jó 19:26). ■

Extraído de um discurso proferido na Conferência Geral de Abril de 2014.



CHRIST VISITS THE NEPHITES
(CRISTO VISITA OS NEFITAS),
DE MINERVA TEICHERT

"Tendes enfermos entre vós? (...) Trazei-os aqui e eu os curarei (...). E aconteceu que depois de ele haver assim falado, toda a multidão (...) adiantou-se com seus doentes e seus afluídos e seus coxos; e com seus cegos e com seus mudos e com todos aqueles que estavam afluídos de qualquer forma; e ele curou a todos, à medida que foram conduzidos a sua presença" (3 Néfi 17:7, 9).



PROFESSORES DOS JOVENS

**O QUE, POR QUE
E COMO: UMA ANÁLISE
DA RESTAURAÇÃO**

*Torne a apostasia
e a Restauração fáceis de
entender nesse domingo.*

58

JOVENS ADULTOS
**SEIS CAMINHOS
PARA A
VERDADEIRA
FELICIDADE**

46

AOS PAIS E LÍDERES
DA PRIMÁRIA

**UM JOGO DE
COMBINAR OS
PARES PARA A
NOITE FAMILIAR
E O TEMPO DE
COMPARTILHAR**

66

A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS DIAS



PORTUGUESE